

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

EMÍLIA ADAMS HILGERT

DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa *Esquenta!*

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - RELAÇÕES PÚBLICAS

EMÍLIA ADAMS HILGERT

DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa *Esquenta!*

Porto Alegre
2015

EMÍLIA ADAMS HILGERT

DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa *Esquenta!*

Trabalho de conclusão apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nilda Aparecida Jacks

Co-orientadora: Ms. Laura Hastenpflug Wottrich

Porto Alegre
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Adams Hilgert, Emília
DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa
Esquenta! / Emília Adams Hilgert. -- 2015.
83 f.

Orientadora: Nilda Jacks.
Coorientadora: Laura Hastenpflug Wottrich.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Relações Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Cultura popular. 2. Popular massivo. 3.
Televisão aberta. 4. Esquenta!. I. Jacks, Nilda,
orient. II. Hastenpflug Wottrich, Laura, coorient.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa *Esquenta!*** de autoria de **Emília Adams Hilgert**, estudante do curso de **Comunicação Social – Relações Públicas**, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 22 de junho de 2015

Assinatura:

Nome completo do orientador: Prof^a Dr^a Nilda Aparecida Jacks

Ms. Laura Hastenpflug Wottrich

EMÍLIA ADAMS HILGERT

DO POPULAR AO MASSIVO: Uma análise do programa *Esquenta!*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção parcial do título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Relações Públicas.

Aprovada em pela banca examinadora em **02 de julho de 2015**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Nilda Aparecida Jacks – UFRGS
Orientadora

Ms. Laura Hastenpflug Wottrich
Coorientadora

Ms. Dulce Mazer
Examinadora

Ms. Fernanda Chocron Miranda
Examinadora

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

À vida, que me trouxe até aqui. A todos os deuses, demônios, santos, orixás, super-heróis e vilões. Às fadas e aos doendes a minha eterna gratidão.

Aos meus pais, João Eduardo e Gema, por terem aceitado as vertiginosas curvas para a esquerda no meu rumo. Pelo carinho e apoio incondicional antes, durante e, com certeza, depois desta longa caminhada. À minha irmã, Eduarda, por ser minha cúmplice da vida inteira. À Kitty, minha gordinha, pelos lambeijos e por ter me acompanhado o tempo todo, mesmo que tenha sido dormindo.

Ao Peterson, por ter sido o incentivo que precisei quando estava prestes a desistir, o apoio que precisei quando não consegui e a força que precisei pra seguir em frente, até o final. Pelo carinho, compreensão, paciência, amor – inesgotável e ininterrupto – nestes últimos anos. E pelos próximos também. Por fazer de mim uma pessoa melhor (!) a cada dia.

Aos meus avós, que são a razão de eu ter vindo pra cá e que, de um lugar privilegiado, têm guiado minha vida desde então. À Mariana, minha prima e revisora, pela disponibilidade em fazer tudo na última hora. Aos tios, tias e demais primos, pela torcida.

Às minhas orientadoras, Prof^a Nilda Jacks e Laura Wottrich, que mesmo sem me conhecer aceitaram participar desta loucura. Pela confiança, paciência e disponibilidade. Também pelo apoio, carinho, compreensão nas dificuldades e nos inúmeros atrapalhos vividos ao longo do longo percurso. Também pelos puxões de orelha (merecidíssimos!). Foi muita pretensão minha pensar que conseguiria fazer tudo isso sem vocês. Muito obrigada mesmo, de coração!

Aos amigos, de perto e de longe; de sempre, de antes e de agora, pela amizade e compreensão. Por terem sido o frescor mental com as conversas aleatórias. À Relinter e aos amigos que fiz por lá, pelo carinho, companheirismo nos anos que passamos juntos e pela flexibilidade de horários, tão necessária para a finalização deste trabalho. *¡Gracias, queris!*

Aos colegas fabicanos, pela parceria constante. Aos professores de Relações Públicas e demais professores da Fabico/UFRGS pelos anos de ensinamentos dedicados a fazer de nós comunicadores conscientes e Relações Públicas sem mimimi.

Enfim, agradeço a grande mãe UFRGS, que deu toda a estrutura, permitindo que eu escrevesse estas linhas hoje.

“So that is how to create a single story, show a people as one thing, as only one thing, over and over again, and that is what they become.”

Chimamanda Ngozi Adichie

“Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país.”

Hermano Vianna

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Trechos da abertura das temporadas 1ª a 3ª do <i>Esquentá!</i> | 40 |
| Figura 2 – Elementos das festas juninas inseridos na abertura do <i>Esquentão!</i> | 47 |
| Figura 3 – <i>Esquentão!</i> | 47 |
| Figura 4 – Trajes mundializados no episódio analisado da terceira temporada | 62 |
| Figura 5 – Trechos da abertura da 4ª temporada de 2014 do programa | 64 |
| Figura 6 – Mescla de elementos culturais nos figurinos do <i>Esquentão!</i> | 74 |
| Figura 7 – Imagem estereotipada do indígena paraense no <i>Esquentá!</i> | 74 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Nome e data dos episódios do <i>Esquentá!</i> selecionados para análise | 39 |
| Quadro 2 – Elementos analisados no episódio da 1ª temporada | 45 |
| Quadro 3 – Elementos analisados no episódio especial <i>Esquentão!</i> | 50 |
| Quadro 4 – Elementos analisados no episódio da 2ª temporada | 55 |
| Quadro 5 – Elementos analisados no episódio da 3ª temporada | 61 |
| Quadro 6 – Elementos analisados no episódio da 4ª temporada | 67 |
| Quadro 7 – Elementos temáticos do popular massivo no <i>Esquentá!</i> | 69 |
| Quadro 8 – Elementos formais do popular massivo no <i>Esquentá!</i> | 71 |
| Quadro 9 – Elementos de conteúdo do popular massivo no <i>Esquentá!</i> | 76 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 DA CULTURA POPULAR AO POPULAR MASSIVO: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DO <i>ESQUENTA!</i> | 15 |
| 1.1 Estudos Culturais | 15 |
| 1.1.1 <i>Cultura Popular: vieses teóricos</i> | 17 |
| 1.1.2 <i>Popular Massivo a partir de Martín-Barbero</i> | 19 |
| 2 REGINA CASÉ E O <i>ESQUENTA!</i> | 23 |
| 2.1 <i>Alô Regina!</i> | 23 |
| 2.2 <i>Feito Pimenta, O Programa Domingo Esquentá!</i> | 31 |
| 3 <i>ESQUENTA!</i>, POPULAR E MASSIVO | 38 |
| 3.1 Proposta Metodológica | 38 |
| 3.1.1 <i>Procedimentos Metodológicos</i> | 39 |
| 3.2 Os Episódios | 39 |
| 3.2.1 <i>Grande Arlindo Cruz</i> | 42 |
| 3.2.2 <i>Esquentão!</i> | 46 |
| 3.2.3 <i>Grão-Pará</i> | 51 |
| 3.2.4 <i>Esquentá! na Escola</i> | 57 |
| 3.2.5 <i>Batuque na cozinha a sinhá quer, sim!</i> | 62 |
| 3.2.6 <i>O que o mundo separa, o Esquentá! junta: elementos do popular massivo</i> | 68 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 79 |
| REFERÊNCIAS | 81 |

RESUMO

Este trabalho visa identificar que elementos da cultura popular massiva são apresentados no programa *Esquenta!*. Para tal, discutimos a cultura popular e o popular massivo no âmbito dos estudos culturais utilizando os conceitos de cultura popular de Ayala e Ayala e de popular massivo de Jesús Martín-Barbero. Para que pudéssemos caracterizar o *Esquenta!* como um produto popular massivo e mapear como os elementos da cultura popular massiva estão presentes nos episódios do programa, fizemos a análise de cinco episódios a partir de elementos temáticos, formais e de conteúdo. Com esta análise, podemos considerar que o programa *Esquenta!* é fortemente marcado por elementos da cultura popular-massiva no que se refere aos assuntos tratados nas conversas e na trilha sonora do programa, bem como nos figurinos usados pelo elenco e na decoração do cenário. *Esquenta!*, surgiu com o objetivo de ser um programa popular para ser exibido aos domingos e mostra isso ao conseguir trazer para o seu palco as tradições da cultura popular brasileira e mesclá-las com produtos massivos.

Palavras chave: Cultura popular, Popular massivo, Televisão aberta, *Esquenta!*.

ABSTRACT

This paper work aims to identify which elements of popular mass-culture are presented in *Esquentá!* TV show. Aiming this, we discussed popular culture and popular massive within cultural studies using concepts of popular culture by Ayala and Ayala, and popular massive by Jesús Martín-Barbero. So we could characterize *Esquentá!* as a popular massive product and map out how the elements of popular mass-culture are presented in the TV show's episodes, an analysis of thematic's, formal's and content's elements of five episodes was made. From the analysis, we can consider that the *Esquentá!* TV show is strongly marked by elements of popular mass-culture regarding the matters of the conversations and the TV show's soundtrack, as well as the costumes worn by the cast and decoration of the set. *Esquentá!* was meant to be a popular program to be presented on Sundays, and shows that, by bringing to the stage traditions of Brazilian popular culture and merging them with mass products.

Key-words: Popular culture, Popular massive, Broadcast television, *Esquentá!*.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as mudanças sociais e econômicas pelas quais o Brasil passou alteraram a maneira com que muitos veem as classes populares. Um dos reflexos dessas mudanças é a nova relação que há entre as elites e as classes populares; entre o erudito e o popular. Antes consideradas sinônimo do mau-gosto e do grotesco (FRANÇA, 2006), as manifestações populares começaram a chamar a atenção, ultrapassando os limites das comunidades, e ganharam valor. Com isso, despertaram o interesse das mídias massivas, que viram nestas manifestações uma possível forma de atrair os públicos das classes populares. Apesar de a cultura popular ter tido voz algumas vezes na grade de programação das emissoras de televisão – como TV Cultura e demais televisões “públicas de caráter educativo e cultural, não comercial¹” – as novas manifestações culturais ainda não tinham ganhado um espaço exclusivo para elas nas emissoras comerciais, com valorização e liberdade de expressão. A partir daí, e devido à demanda do público, estes elementos populares passaram a ter cada vez mais espaço nos programas e na programação das emissoras brasileiras. Um dos mais recentes exemplos disso na TV é o programa *Esquenta!*, da TV Globo.

O *Esquenta!* foi ao ar pela primeira vez em 02 de janeiro de 2011 na TV Globo. Encomendado pela emissora no ano anterior o *Esquenta!* foi criado por Regina Casé e Hermano Vianna em parceria com Guel Arraes como um programa popular, de auditório, para ser exibido nos domingos de verão. O sucesso foi tanto que hoje, passados quase cinco anos da estreia, o *Esquenta!* ainda está no ar. Desde o início foram exibidas quatro temporadas, ultrapassando a marca dos 200 episódios, e dois episódios especiais juninos, chamados de *Esquentão!* O *Esquenta!* é o trabalho mais recente da apresentadora e atriz Regina Casé na televisão.

Regina é uma das principais vozes da cultura popular e das classes populares na televisão brasileira. Seu primeiro trabalho como apresentadora foi em 1991, com o *Programa Legal*, a partir do qual pode mostrar ao público o grande envolvimento que tinha com o popular. Desde então, todos os programas apresentados por Regina tem o popular como ponto de partida.

A opção pelo o programa *Esquenta!* como objeto deste estudo, se justifica, primeiramente, no interesse pelo popular despertado na autora deste trabalho a partir do programa. O contato da autora com o *Esquenta!* iniciou paralelamente a sua estreia e se

¹ Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC). Conheça a ABEPEC. Disponível em: <<http://www.abepec.com.br/site/quem/detalhe.asp?c=4>> Acesso em: 14 jun. 2015.

estende até hoje. Vemos no *Esquenta!* o reflexo do atual e crescente desejo das organizações em estreitar relações com seus mais diversos públicos. Além disso, justificamos esta opção, por perceber a relevância que o objeto tem como um produto televisivo voltado – em especial, mas não apenas – às classes populares. Antes da criação do *Esquenta!* (exceção feita às TVs culturais) havia poucos programas na televisão brasileira que valorizassem as manifestações populares brasileiras e tentassem criar produtos onde as classes populares pudessem se ver representadas e, de certa forma, acolhidas, em palcos onde lhes é permitido ser, pensar e agir sem quaisquer pré-julgamentos.

Desde 2011, ano da estreia do programa, foram produzidas várias pesquisas acadêmicas tendo o *Esquenta!* como objeto de análise. Verificamos duas dissertações² e dez artigos publicados em anais de congressos³. Estes trabalhos analisam o programa das mais diversas perspectivas, sendo que apenas um⁴ artigo, analisa o programa com enfoque nos estudos culturais.

O objetivo geral deste trabalho é identificar que elementos da cultura popular massiva são apresentados no programa *Esquenta!*. Para tanto, estipulamos como objetivos específicos: 1) discutir a cultura popular e o popular massivo no âmbito dos estudos culturais; 2) caracterizar o programa *Esquenta!* como um produto popular massivo; e 3) mapear como os elementos da cultura popular massiva estão presentes nos episódios do programa.

Para cumprir com os objetivos propostos, elegemos os Estudos Culturais como perspectiva de estudo. Os Estudos Culturais são um campo de pesquisa social interdisciplinar que explora a cultura nas sociedades contemporâneas e suas relações de poder. (ESCOSTEGUY, 1998). Entre os focos dos estudos culturais estão, entre outros, as identidades nacionais, o pós-colonialismo, a cultura popular e seus públicos, o multiculturalismo e a globalização. Cabe aos estudos culturais investigar a multiplicidade de cada cultura e das relações interculturais, ricas e diversificadas, bem como as expressões culturais não tradicionais e o cotidiano. (ORTIZ, 2004)

Na América Latina, os estudos são focados no contexto social do continente, principalmente na relação do povo com a comunicação e a recepção, levando em consideração os aspectos de colonização exploratória, globalização, industrialização tardia e

² Pesquisa realizada no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Devido à reestruturação da página, estão disponíveis apenas trabalhos de 2011 e 2012. Fonte: <<http://www.bce.unb.br/2013/11/banco-de-teses-da-capes/>> Acesso em: 11 jun. 2015

³ Pesquisa realizada em anais de congressos realizados entre 2011 e 2014. INTERCOM (6), COMUNICON (2) e ENECULT (2). Não foram encontrados artigos relativos ao *Esquenta!* nos anais da COMPOS.

⁴ MORAIS, A. O jogo da diferença e as representações sobre a periferia no programa *Esquenta!* da Rede Globo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVI, 2013, Manaus. Anais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1571-1.pdf>> Acesso em: 11 de junho de 2015.

modernização acelerada. Os expoentes da pesquisa dos estudos culturais na América Latina são Néstor García Canclini, Guillermo Orozco Gomez e Jesus Martín-Barbero.

Buscamos com este trabalho desenvolver um estudo sobre a cultura popular e o popular massivo apresentados no programa *Esquenta!*. Para tal, em primeiro lugar, nos apropriaremos do conceito de popular massivo proposto por Jesus Martín-Barbero (1987) no livro *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Segundo o autor, o popular costumava ser associado a tudo o que não era considerado cultura. Porém, com as mudanças sociais que aconteceram, principalmente após a década de 1950, aquilo que antes era considerado como popular, passou a ser conhecido por “cultura de massa”. Para o autor, o massivo foi gerado lentamente a partir do popular, adicionando e deformando traços identitários antigos e integrando a isso as novas demandas massivas de mercado.

Para compreender o que é cultura popular, utilizaremos os conceitos propostos por Antônio Augusto Arantes (1981) e Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala (2002). Na cultura, são compreendidas inúmeras atitudes, manifestações, usos e costumes de um povo. A cultura popular se caracteriza pelos elementos pertencentes a uma sociedade, praticados constantemente e de forma ativa pela população, através de manifestações como as artes, a gastronomia etc. Estes elementos são transmitidos por gerações, sendo os costumes e as tradições facilmente internalizados. O protagonista da cultura popular é o povo, a periferia, ou seja, aqueles que produzem estas manifestações culturais. Nos últimos anos, houve a abertura para a cultura popular nos produtos da indústria cultural, em especial aos de televisão.

Para atingir o objetivo deste trabalho, escolhemos realizar um estudo de caso, por ser, segundo Yin (2001) um tipo de pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo da vida real. Para a coleta de dados, selecionamos cinco episódios do programa: um de cada temporada, além do primeiro episódio especial junino, *Esquentão!*. Faremos a análise baseada em três principais aspectos: temática, formal e de conteúdo. Analisaremos os cinco episódios selecionados do programa, a partir dos seguintes pontos: a temática do episódio, os convidados, as músicas e a relação que a apresentadora Regina Casé tem com as temáticas propostas para os episódios. Nesta análise, procuraremos identificar no programa elementos da cultura popular que se tornaram massivos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo nos deteremos ao aprofundamento teórico dos conceitos de cultura popular e popular massivo, sob a perspectiva dos estudos culturais, a fim de compreender a influência destes no nosso objeto de estudo, o programa *Esquenta!*.

No capítulo dois, apresentaremos a trajetória de Regina Casé desde o teatro amador, passando pela carreira como atriz, até a consolidação como apresentadora de televisão. No mesmo capítulo, apresentaremos o programa *Esquenta!*.

Faremos a descrição e análise temática dos episódios selecionados do *Esquenta!* no terceiro capítulo. A partir destas análises, trataremos da cultura popular e do popular massivo apresentados nos episódios do programa.

Por fim, teceremos as considerações finais sobre o que foi possível ponderar a respeito das relações entre a cultura popular e o popular massivo veiculados no programa *Esquenta!* .

1 DO POPULAR AO MASSIVO: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DO *ESQUENTA!*

Este capítulo tem por objetivo delimitar os conceitos de cultura popular e de popular massivo no marco dos estudos culturais. Para que possamos compreender a representação da cultura popular no programa *Esquenta!* faremos este estudo à luz dos conceitos de cultura popular cunhados por Antônio Augusto Arantes (1988) e Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala (2002). Para entender o popular massivo no programa, teremos como base a conceituação feita por Jesús Martín-Barbero (2003) na obra *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, originalmente publicada em espanhol em 1987. Com a compreensão destes conceitos, poderemos reconhecê-los naquilo que é apresentado no programa *Esquenta!* e, então, discutí-los.

1.1 Estudos Culturais

Os primeiros relatos sobre estudos culturais datam da década de 1950, a partir de trabalhos realizados pelos pesquisadores, Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, que teceram as reflexões que compuseram a base deste campo de pesquisas. O campo dos estudos culturais surgiu, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), “diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 2001, p 27). O CCCS foi fundado em 1964 na Universidade de Birmingham por R. Hoggart. São articuladas nos estudos culturais diversas disciplinas, como a economia política, a comunicação, a sociologia, a teoria social, a teoria literária, a teoria dos meios de comunicação, o cinema, a antropologia cultural, a filosofia e a investigação das diferentes culturas que surgem dos mais diversos grupos sociais.

Os estudos culturais formam um campo metodológico interdisciplinar para estudos na área de comunicação e cultura, com foco “no universo das sociedades industriais contemporâneas e suas inter-relações de poder” (STROZENBERG, 2004, p 130). Escosteguy (1998) afirma que devemos ver os estudos culturais tanto do viés político, na tentativa de construção de um projeto político, quanto do viés teórico, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Na pauta temática dos Estudos Culturais, estão as identidades nacionais, o pós-colonialismo, a cultura popular e seus públicos, o multiculturalismo e a globalização, entre outros. Um dos traços mais importantes da atuação dos estudos é o

compromisso em interagir diretamente com as práticas políticas, sociais e culturais, também objetos de sua abordagem. (STROZENBERG, 2004) O que diferencia este campo de pesquisa de outros mais convencionais é a opção decisiva pela luta política, o empenho em transformar a condição atual da sociedade.

Com este propósito, os estudos culturais procuram investigar a multiplicidade vigente no interior de cada cultura e nas relações interculturais, ricas e diversificadas. Suas pesquisas revelam também o quanto os elos entre diferentes culturas estão intercalados por vínculos de poder e de hierarquização. (BARROS, 2014) Segundo os estudos culturais, a cultura se manifesta de maneira diferente em qualquer formação social ou época e, diferentemente do que ocorria antes do surgimento destes estudos. Os estudos culturais prestam atenção às formas de expressão culturais não tradicionais, como o cotidiano, legitimando a cultura popular de forma crítica e interventora. Na visão de Escosteguy (2006), uma tendência importante da crítica cultural questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como alta/baixa, superior/inferior, entre outros binários. Escosteguy (2001) afirma que, atualmente, o papel da comunicação na construção de identidades é a principal questão dos estudos culturais.

Nos anos 1980, surgiram na América Latina pesquisadores interessados em aplicar os Estudos Culturais no contexto social latino-americano. Os estudos encontravam-se na comunicação e recepção, de onde surgiam teorias voltadas à realidade do continente, considerando o contexto de colonização exploratória, globalização, industrialização tardia e modernização acelerada. Os pesquisadores pretendiam investigar a dependência dos países da América Latina em relação às principais potências mundiais e de que maneira essa exploração se refletia nos meios de comunicação massiva.

Segundo Escosteguy e Jacks (2005) os estudos culturais latino-americanos surgem devido à insuficiência dos “modelos teóricos importados”, muito utilizados nas pesquisas da época, “concebidos ‘em’ e ‘para’ outras realidades e que, sobretudo, não davam conta da vida cotidiana de seus agentes”. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p 53) Diferentemente dos estudos culturais britânicos e norte-americanos, que nasceram sem uma problematização definida, os estudos culturais na América Latina, mesmo localizados apenas na academia e sem vínculos políticos, surgiram em

[...] um momento conjuntural de democratização da sociedade e de observação intensa da ação dos movimentos sociais da época. As profundas alterações que vêm ocorrendo na vida social dirigem o olhar dos intelectuais que individualmente têm elaborado análises críticas sobre a vida social e cultural contemporânea. (ESCOSTEGUY, 2001, p 50)

Dentre os pesquisadores dos estudos culturais na América Latina estão: Néstor García Canclini, que trabalha com a comunicação, a cultura e a sociologia na pós-modernidade, bem como a cultura na latino-américa; Guillermo Orozco Gomez, que estuda a recepção e a alfabetização audiovisual; e Jesús Martín-Barbero, que pesquisa as ciências sociais e a comunicação na América Latina.

1.1.1 Cultura popular: vieses teóricos

Cultura não é um conceito de fácil explicação e compreensão, pois para cada ramo das ciências humanas existe uma forma de ilustrá-la. Segundo DaMatta (1981, p 2) “cultura é [...] um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.” A partir desta percepção podemos notar que, para o autor, cultura não é algo que o homem tem o poder de escolher, sim é algo que tende a acompanhá-lo por toda sua vida, uma vez que o relaciona com o grupo com quem convive e o ambiente em que habita.

Dentro do conceito de cultura existem diversas outras categorias para distinguí-las: alta cultura (erudito) ou baixa cultura (cultura popular) e culturas adjetivadas – tais como a nordestina, a de classe baixa etc. (DAMATTA, 1981) Tendemos a escolher como representativas as formas culturais consideradas mais “sofisticadas” e estas, geralmente são confundidas com o próprio conceito de cultura. Isso acontece, porque consideramos as formas secundárias de cultura – aquelas não eruditas – como incompletas e inferiores e tendemos a excluir qualquer forma diferente de comportamento ou pensamento. (DAMATTA, 1981) Segundo o autor, todas as culturas secundárias são equivalentes aprofundados de cultura (erudita), são “subculturas” que ainda não tiveram, nem terão o seu estudo esgotado.

Para este estudo será usado o conceito de cultura popular, a cultura que vem do povo. No livro “Cultura Popular no Brasil” Ayala e Ayala (2001) afirmam que cultura popular, também conhecida como folclore, é “uma prática própria de grupos subalternos da sociedade”. (AYALA; AYALA 2001, p. 9) O termo folclore, porém, tem sido utilizado com teor pejorativo, como sinônimo para algo grotesco e que não deve ser levado a sério. Para Ayala e Ayala (2001) esta depreciação do termo deve-se a uma tradição de estudos que trataram as manifestações culturais como algo exótico, obsoleto e inculto.

Diversos pesquisadores salientam também, que a cultura popular tem maior presença em comunidades interioranas, principalmente naquelas do meio rural, considerado o “local

privilegiado do folclore [...], devido à suposição de que o homem do campo seria mais conservador, tradicional, ingênuo, rude e inculto [...]”. (AYALA; AYALA, 2001 p.18) Ligado a isso está o pensamento de que a cultura popular é rudimentar e o seu oposto, o requintado, está presente, segundo este raciocínio, nos grandes centros urbanos. A preocupação em registrar tudo o que é considerado de cultura popular – antes que as tradições populares se apaguem da memória do povo – é resultado desta oposição entre o interior rústico e o urbano polido; entre folclore e civilização.

Da mesma forma, devemos considerar a análise da cultura popular como algo pertencente a um cenário cultural e social muito mais amplo, dando ênfase ao conceito de que a cultura popular deve ser entendida dentro do momento atual da sociedade, com todas as suas modificações. A cultura popular não deve ser utilizada apenas como uma tentativa de manter os conceitos vivos, porém isolados das mudanças sociais. Para os autores, as manifestações culturais devem ser analisadas com base na hipótese de que cada manifestação só poderá ser compreendida se estiver posta junto às suas relações “com o conjunto cultural, com o contexto socioeconômico específico e com a estrutura sociocultural mais geral” (AYALA; AYALA, 2001, p. 39) da qual faz parte.

Ayala e Ayala (2001) discutem à luz do pesquisador social Oswaldo Elias Xidieh a possibilidade do desaparecimento de algumas práticas culturais populares devido às transformações que sofrem as organizações sociais no que diz respeito às condições de trabalho e de vida destas populações, consideradas menos sofisticadas. Segundo os autores, nesta concepção não há espaço para a nostalgia, nem para a defesa da conservação de tradições, pois alterações sociais são inevitáveis.

Para Arantes (1988) há também a óptica de uso da cultura popular como forma de transformação social através do tradicional. Esta abordagem da cultura popular tem sido bastante utilizada na televisão como forma de tentativa de conscientização das camadas menos favorecidas da sociedade. Para explicar este posicionamento, o autor baseia-se Ferreira Gullar (1963):

Quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de por a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses do país. Trata-se, então de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, entendê-la, aprofundá-la. O que define cultura popular [...] é a consciência de que a cultura tanto pode ser um instrumento de conservação, como de transformação social. (GULLAR, 1963 *apud* ARANTES, 1988)

O Brasil, assim como todos os demais países da América Latina, é formado por uma grandiosidade de misturas culturais e estas diversas fontes de cultura popular parecem, muitas vezes, não se entrelaçar. Elementos culturais não significam nada se não estiverem

relacionados a um contexto e, mesmo quando estiverem inclusos em um conjunto, um mesmo item cultural pode possuir inúmeros significados. Estes elementos e seus diferentes sentidos, quando condensados, podem passar a ter um terceiro, até mesmo um quarto significados. A consequência disso é que não teremos condições de compreender o objeto – manifestação cultural – observado na sua totalidade se não tivermos referências sobre ele, seu universo e seus significados em outros grupos sociais. Segundo Arantes (1988), interpretar a definição das diversas manifestações culturais implica na reconstrução total da forma como os grupos se representam nas relações sociais que têm consigo e com outros grupos.

Estas semelhanças e diferenças culturais têm sido tratadas de certa forma pela mídia a fim mostrar que, apesar da heterogeneidade das manifestações, é muito fácil encontrar relações entre as várias culturas presentes em um território. Quando a cultura popular se entrelaça com aquilo que é produzido e divulgado pelas mídias e isso passa a ser fortemente consumido pelo povo, surge o que Jesús Martín-Barbero chama de cultura popular-massiva.

1.1.2 Popular massivo a partir de Martín-Barbero

No livro *Dos Meios às Mediações*, Jesús Martín-Barbero (2003) estuda a relação entre comunicação e cultura na América Latina, colocando o receptor em uma posição diferente da sugerida pelos teóricos da Escola de Frankfurt. Martín-Barbero (2003) propõe que desloquemos o eixo da reflexão dos meios para as mediações, ou seja, que reconsideremos a posição do receptor na comunicação. Receptor este, que até então era visto por algumas vertentes teóricas como um passivo e irracional consumidor da mídia.

No livro, uma das propostas do autor é que vejamos a cultura como um lugar onde se possa refletir sobre a comunicação. Este pensamento sugerido pelo autor começaria a partir da compreensão de que o receptor não é indiferente à mídia massiva, uma vez que absorve as informações que recebe e cria significados para elas a partir da sua identidade cultural, suas percepções e modos de ser e agir. A análise da cultura associada à comunicação é considerada, por muitos autores, um avanço nos estudos comunicacionais, por representar a inserção de um pensamento da comunicação e da cultura a partir do cotidiano das pessoas.

Os produtos midiáticos têm sido criados de forma que a cultura hegemônica incorpore em si elementos e valores de outras culturas – populares, locais, tradicionais e, até mesmo, daquelas manifestações culturais mais recentes. Da assimilação destes elementos, surge a

identificação dos públicos com determinados produtos midiáticos, principalmente aqueles divulgados pela televisão.

O pensamento segundo o qual os produtos midiáticos, chamados massivos, contaminam a cultura popular já não é mais aceitável. Desde antes da criação da televisão o folclore é mediado pelos processos de comunicação, que os reúnem e massificam. Ou seja, desde a Idade Média qualquer manifestação cultural já não pode mais ser considerada pura, como os folcloristas gostariam que fosse. Percebemos então, a cultura popular na mídia (o popular massivo), da forma como a temos hoje, como um produto fabricado visando às classes populares e às vantagens que podem decorrer do consumo do massivo por estas classes.

Martín-Barbero (2003) designa massa como

o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto no que elas têm de opressão, quanto no que as novas relações contêm de demandas e aspirações de democratização social. E de massa será chamada a cultura popular. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 181)

Na visão de Martín-Barbero (2003), a cultura de massa não apareceu de repente, já em confronto com a cultura popular. Para o autor, “o massivo foi gerado lentamente a partir do popular”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 181) A massificação dos produtos culturais surgiu da necessidade de atender às demandas vindas das massas não só por cultura, mas também pela vontade do povo em se ver representado naquilo que consumia. A resistência que ainda existe frente à massificação teve origem nos preconceitos das elites “letradas” com o povo, querendo negar a ele o acesso a bens e serviços, inclusive os culturais, e tentando impedir a construção de uma identidade nacional. Martín-Barbero (2003), ainda afirma que “só um enorme estrabismo histórico e um potente etnocentrismo de classe que se nega a nomear o popular como cultura” pode negar a relação entre popular e cultura “a ponto de não enxergar na cultura de massa senão um processo de vulgarização e decadência da alta cultura”.

Segundo Martín-Barbero (2003), só é possível pensar o massivo fora do popular se considerarmos que a missão dos folcloristas é preservar o que é avaliado como autêntico, sem que haja deformações nos costumes e valores daquele povo. Porém, ao mesmo tempo, há os que consideram que aquilo que emana das classes sociais é apenas uma forma de reação contra as tentativas de dominação social orquestrada pelas elites.

O surgimento das classes populares urbanas fez, segundo Martín-Barbero (2003), com que o popular se modificasse, deixando totalmente de ser aquilo pelo que era conhecido. Considerando essa mudança, devemos pensar “a vigência cultural do popular” como algo estreitamente ligado ao massivo, devido “à própria massificação, estrutural em nossa

sociedade”⁵ (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 322), pois desta forma, o povo passará a ter dificuldade no acesso a direitos básicos, como trabalho, saúde, educação e diversão. A não ser que os eles sejam tornados massivos, pois massificar permite ao povo viver em sociedade. “Assim, pensar o popular a partir do massivo não significa, ao menos não automaticamente, alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta, um novo modo de funcionamento da hegemonia.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 322)

Não podemos, porém, enxergar o massivo como algo fechado em si mesmo. Considerando isso, Martín-Barbero (2003), reflete a partir das considerações de Sérgio Micelli [1972], sobre a indústria de massa ser pura e simplesmente um instrumento de dominação, que despreza as decodificações feitas pelas classes populares e assume como única as representações oferecidas, de si e do outro, pela cultura dominante. Sobre estas considerações, Martín-Barbero (2003) afirma que

a cultura massiva não ocupa uma e somente uma posição no sistema de classes, mas também que no próprio interior dessa cultura coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outro que corresponde a demandas simbólicas do espaço cultural dominado. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 323)

E complementa, questionando até que ponto essa “não-unificação do mercado simbólico” corresponde à dependência sistemática dos países latino-americanos e se tem a ver com a estrutura plural das cultura desses países.

Martín-Barbero (2003) questiona também o quanto do que constitui ou faz parte da vida das classes populares encontra expressão no popular massivo. O popular massivo, é tudo o que é produzido com objetivo de atingir as massas, e que é disseminado pelos veículos de comunicação de massa. Antes censurada, por ser considerada de baixa qualidade, a cultura popular massiva passou por um período em que não foi tematizada, usando o argumento de que não tinha valor de mercado. O maior efeito desse afastamento da cultura popular massiva do mercado foi, com o decorrer dos anos, a transformação dos indivíduos das classes populares em consumidores em potencial, ou seja, possibilitou que todos se tornassem livres para consumir tudo que desejassem. De qualquer forma, devemos considerar que pode haver nos produtos da cultura popular massiva aquilo que não é popularizado (que tem pouco valor comercial), e também, aquilo que é popularizado, mas que não é popular, é de origem elitista.

A ascensão econômica das classes populares nos últimos anos fez com que surgisse um novo modo de consumo nas periferias. Percebendo isso, os grandes produtores de mídia, as emissoras de televisão especialmente, passaram a focar suas ações neste público,

⁵ Grifo nosso.

extremamente motivados a atraí-lo como consumidores. Além de produtos materiais, esse novo público de interesse das emissoras, passou, segundo pesquisa realizada pelo IPEA em 2007⁶, a ter o anseio por consumir produtos de entretenimento, como cinema, literatura, espetáculos etc. Rapidamente, ao perceberem que estavam prestes a perder esse novo público justamente por não ter produtos voltados a ele, os canais de televisão passaram a se dedicar a encontrar maneiras de atrair os novos consumidores de volta aos sofás de suas casas. Uma das formas encontradas foi a criação de programas de TV com conteúdo explicitamente popular, que imediatamente gerasse a auto identificação desses consumidores. Na TV Globo, um dos produtos criados foi o *Esquenta!*, um programa de auditório que transita como nenhum outro pelos mais diferentes meios culturais, do extremamente popular ao erudito.

⁶ DA SILVA, Frederico Barbosa; ARAÚJO, Herton Ellery; ANDRÉ Luis Souza. O Consumo Cultural Das Famílias Brasileiras. IN: Gasto e consumo das famílias brasileiras Contemporâneas. Org: Fernando Gaiger Silveira et al. Brasília: Ipea, 2007 Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3253/2/Gasto%20e%20consumo%20das%20fam%C3%ADlias%20brasileiras%20contempor%C3%A2neas%20-%20v.%202.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2015

2 REGINA CASÉ E O *ESQUENTA!*

Para que possamos analisar e compreender a relação entre a cultura popular brasileira e o programa *Esquenta!*, da TV Globo, é necessário contextualizá-los. Para tal, apresentaremos neste capítulo uma breve biografia da apresentadora Regina Casé – sua vida, as influências que carrega e que fizeram com que o caminho percorrido por ela na televisão e a levassem a idealizar e apresentar o *Esquenta!*. Da mesma forma, será apresentada uma sinopse das quatro temporadas do programa, desde o seu início em 2011. Somente assim, teremos condições de entender de que forma a cultura popular é inserida no programa.

2.1 Alô Regina!

“Alô Regina!
 É tão gente fina que sabe chegar
 Em qualquer esquina
 Lá na cobertura, na laje ela está
 É quem domina
 Porque tem a sina de ser popular... alô”
 Arlindo Cruz e Gilberto Gil

A atriz e apresentadora Regina Casé nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1954. Batizada Regina Maria Barreto Casé, nasceu em uma família rica, moradora do bairro de Botafogo, filha de Heleida Barreto Casé e Geraldo César Casé. Sua mãe, Heleida, chegou a fazer programas de TV, mas preferia percorrer as escolas da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro com os fantoches e marionetes do teatro de bonecos. Já seu pai, Geraldo, foi diretor artístico da TV Globo e comandou a primeira versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, na emissora, em 1977. (CHAVES, 2007) O pernambucano Ademar Casé, seu avô, foi um dos pioneiros do rádio no Brasil⁷. “Seu programa radiofônico, o *Programa do Casé*, é tido como um dos “pioneiros” da rádio brasileira, consolidando-se logo no início da chegada do aparelho no país”. (CHAVES, 2007, p.10)

Regina entrou no teatro despretensiosamente aos 16 anos, no início dos anos 1970, e durante esta década dedicou-se paralelamente aos estudos de Comunicação – diz ter sentido a necessidade de trocar de curso devido ao “excesso de perfume francês” nos elevadores da faculdade – filosofia e história. Não concluiu nenhum dos cursos. Em 1974 fundou junto com Hamilton Vaz Pereira, Jorge Alberto Soares, Luiz Artur Peixoto e Daniel Dantas o grupo de

⁷ REGINA CASÉ. Vida. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/vida>> Acesso em: 18 ago. 2014

teatro *Asdrúbal Trouxe o Trombone*⁸. O grupo durou dez anos, até 1984, e ficou conhecido por trazer novos ares ao teatro do Rio de Janeiro, através de inovações cênicas e humor que retratavam aquela geração. Com *Asdrúbal*, Regina ganhou alguns anos mais tarde, importantes prêmios do teatro brasileiro. Ao longo dos dez anos de existência, Regina e os demais integrantes do grupo passaram de atores amadores a profissionais. Também fizeram parte do *Asdrúbal* Luís Fernando Guimarães, Patrícia Travassos e Evandro Mesquita. (CHAVES, 2007)

Em 1978, Regina fez a sua primeira, porém pequena, participação no cinema no filme *Chuvas de Verão*, de Cacá Diegues. No mesmo ano, participou do filme *Tudo Bem*, de Arnaldo Jabor, desta vez com maior destaque.⁹ Depois destes trabalhos no cinema Regina não parou mais de fazer filmes, passando a fazer também participações em diversos programas de televisão e telenovelas, assim, popularizando sua imagem como atriz. Regina participou de programas importantes da época como *Sítio do Picapau Amarelo* e *Chico Anysio Show*.

Seu primeiro papel como atriz em telenovelas foi em uma participação especial no último capítulo da novela *Guerra dos Sexos*¹⁰, de 1983, escrita por Sílvio de Abreu e Carlos Lombardi e dirigida por Guel Arraes e Jorge Fernando. Em 1984, Regina participou da novela *Vereda Tropical*¹¹, de autoria de Carlos Lombardi, com texto supervisionado por Sílvio de Abreu e direção, novamente, de Guel Arraes e Jorge Fernando. A atriz viria a integrar, pela primeira vez, o elenco fixo de uma telenovela em 1986, em *Cambalacho*¹², também de Sílvio de Abreu, dirigida por Jorge Fernando e Antônio Rangel. A personagem era “Albertina Pimenta” – ou “Tina Pepper” – negra e extremamente popular, foi escrita pelo autor especialmente para Regina. Tamanha foi a identificação do público com a personagem e, conseqüentemente com a atriz, que até hoje há quem chame Regina pelo nome da personagem ou pense que a atriz é negra, como era Tina¹³.

No final dos anos 1980, Regina deu o passo mais importante de sua carreira. Junto com diversos outros atores da TV Globo criou o programa humorístico mais aclamado e de formato mais inovador para a televisão brasileira: *TV Pirata*, apresentado por Regina e Luís Fernando Guimarães. O programa, que mantinha o mesmo espírito do teatro feito no

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ MEMÓRIA GLOBO. Guerra dos Sexos – 1ª Versão. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/guerra-dos-sexos-1-versao.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

¹¹ _____. Vereda Tropical. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/vereda-tropical.htm>> Acesso em: 29 out. 2014.

¹² _____. Cambalhacho. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cambalacho.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

¹³ REGINA CASÉ. Op. cit.

Asdrúbal, ficou no ar de 1988 a 1992 no horário nobre da TV Globo, era apresentado no formato de esquetes e contava com um tom anárquico, fazendo um humor *non sense*, que satirizava a programação da própria emissora. (CHAVES, 2007) Com este programa Regina passou a ter ainda mais destaque como atriz e, principalmente, como humorista.

Enquanto atuava na *TV Pirata* Regina conheceu, por acaso, o antropólogo Hermano Vianna, que se tornaria seu grande parceiro na criação de programas. “A amizade e a curiosidade comum acabaram por inaugurar uma nova fase profissional na carreira dos dois.” (CHAVES, 2007, p. 16) Quando a *TV Pirata* acabou Daniel Filho, então diretor de programação da TV Globo, pediu sugestões a Regina para preencher um espaço que havia na grade de programação da emissora com um “programa legal”. Hermano e Regina resolveram unir seus projetos pessoais e, assim, surgiu o *Programa Legal*¹⁴, exibido entre 1991 e 1992. O programa mesclava humor, ficção, jornalismo e documentário. Na redação do programa, além de Hermano Vianna, estavam Hubert – do recém-criado *Casseta e Planeta* – Pedro Cardoso, André Waissman e Marcelo Tas, com a colaboração de Jorge Furtado e Luís Fernando Verissimo. Belisário Franca era o diretor e Guel Arraes, o diretor de núcleo. Guel chegou a declarar que o *Programa Legal* foi um dos formatos mais originais que já participou. (CHAVES, 2007)

Devido ao seu envolvimento com o popular, Regina conheceu, no início dos anos 1990, o *Dj Malboro* passando assim a ter maior contato com o funk, que começava a aparecer como um ritmo popular. Desta parceria, surgiu o *Melô do Terror*¹⁵, gravado por Regina e Luís Fernando Guimarães. A música viria a ser o tema de abertura do *Programa Legal*.

Em 1994, Regina iniciou o seu segundo trabalho como apresentadora com o *Na Geral*¹⁶, quadro no programa Fantástico que procurava tratar com leveza de assuntos diferentes, e às vezes complexos, a partir de entrevistas feitas por Regina com anônimos na rua. Voltam a aparecer aqui os nomes de Hermano Vianna e Belisário Franca como redator e diretor do programa, respectivamente. O humor característico da apresentadora permanece no novo programa, porém menos caricatural e, “em algumas situações, [Regina] coloca figurinos típicos de acordo com o ambiente em que se encontra.” (CHAVES, 2007, p. 21) O quadro,

¹⁴ MEMÓRIA GLOBO. Programa Legal. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/programa-legal/>> Acesso em: 29 out. 2014

¹⁵ REGINA CASÉ. Op. cit.

¹⁶ _____. Fantástico. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/regina-case.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

que ficou no ar por seis meses, de abril a outubro de 1994, é considerado pela emissora o embrião do programa *Brasil Legal*¹⁷.

Os anos 1990 foram muito importantes para Regina, já que foi neste período que a já conhecida atriz de teatro e cinema consolidou sua carreira como apresentadora de televisão. Em 1995, estreou o primeiro programa totalmente seu. *Brasil Legal* que foi inicialmente um programa de final de ano da TV Globo, teve o programa-piloto exibido na noite de 28 de dezembro de 1994. Em maio do ano seguinte passou a integrar a grade fixa da emissora, ficando no ar até 1998. O programa, que se desenvolvia a partir das perguntas “O que é o Brasil?” e “O que é ser brasileiro?”, era de entretenimento, mas procurava manter um caráter documental sem perder o humor, apresentado em esquetes mesclados às reportagens, como já era feito no *Programa Legal*. Assim como no *Programa Legal*, a proposta do *Brasil Legal* era mostrar uma visão positiva do país. (CHAVES, 2007) A direção do programa¹⁸ foi, novamente, de Belisário Franca. Os redatores eram Paulo Roberto Abrantes, Hermano Vianna, Maria Carmem Barbosa, Luiz Carlos Góes, Alberto Renault, Fausto Fawcett e Pedro Cardoso.

Brasil Legal deu lugar ao *Muvuca*¹⁹ em novembro de 1998. O programa fazia o caminho inverso dos outros trabalhos de Regina: ao invés de ir para a rua a procura de pessoas a serem entrevistadas, trazia diversos convidados para dentro de uma casa. (CHAVES, 2007) A casa, de cerca de 200m², situada no bairro Humaitá, bairro nobre da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, próximo aos bairros – também nobres – Jardim Botânico, Copacabana e Botafogo. A principal marca do programa era a informalidade das entrevistas: não havia tema nem roteiro. O cenário era uma mistura de microfones, câmeras, salas de produção, redação, equipe de produção e bastidores, já que todos os cômodos da casa podiam ser usados durante as entrevistas. O *Muvuca*, inicialmente era exibido nos sábados à noite, sendo exibido em 1999, nas noites de sexta-feira e, no ano 2000, passou a ser atração da *Terça Nobre*. Nesta nova fase, as entrevistas com pessoas anônimas passaram a ocupar maior espaço do programa. Também nesta fase, começaram a ser feitas imagens externas, primeiro nas ruas do Rio de Janeiro, depois em cidades de diversos estados brasileiros e, mais tarde, com episódios feitos no exterior, como foi o caso de Miami, nos Estados Unidos, e Trinidad e Tobago. Para quebrar o caráter jornalístico do programa, eram exibidas vinhetas de ficção com um minuto

¹⁷ Idem.

¹⁸ MEMÓRIA GLOBO. *Brasil Legal*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/brasil-legal/formato.htm>> Acesso em: 28 out. 2014.

¹⁹ _____. *Muvuca*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/muvuca.htm>> Acesso em: 28 out. 2014

de duração onde Regina Casé atuava em pequenas crônicas. O *Muvuca* ficou no ar até 22 de agosto de 2000, ano em que Regina voltou a trabalhar com a dramaturgia. A volta foi em *Eu, Tu, Eles* (2000), o longa, dirigido por Andrucha Waddington e com roteiro Elena Soarez, é baseado em uma reportagem que conta a história de uma mulher e seus três maridos. Muito elogiado pela crítica, o filme foi selecionado para participar da Mostra Um Certo Olhar, do Festival de Cannes.

Os programas *Brasil Legal* e *Programa Legal* deram origem a programas educativos em canais pagos das Organizações Globo, ligados à Fundação Roberto Marinho. Em 2001, Regina Casé e o diretor Estevão Ciavatta produziram os programas *Que História é Essa?* e *Um pé de quê?* para o Canal Futura (da TV a cabo). (CHAVES, 2007) Locado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, *Que História é Essa?*²⁰ contava histórias que não se tornaram conhecidas por terem acontecido no mesmo dia que outros acontecimentos históricos. A série teve oito episódios veiculados entre 2001 e 2002 no Canal Futura. (CHAVES, 2007) Em 2002, o programa foi exibido como um quadro do *Fantástico*. *Um pé de quê?*²¹ estreou em 2001 e está no ar até os dias atuais, também no Canal Futura. O programa é formado por pequenos documentários sobre as árvores brasileiras, abordando sua origem e características, a maneira como aquela árvore estava ligada aos costumes populares, a economia, a religião, a política, a arte e ao cotidiano dos brasileiros. Produzido pelo Canal Futura e pela produtora Pindorama Filmes, o programa passou por vários estados brasileiros onde foram ouvidos personagens curiosos de cada região, cientistas e pesquisadores. Seguindo a linha de programas educativos, Regina apresentou entre 2002 e 2003 o quadro *Cidadania*, dentro do *Fantástico*. Com um perfil bastante pedagógico e de utilidade pública (CHAVES, 2007) o quadro tratava dos deveres de cidadania, flagrando e abordando infrações. “A “inquisição”, no entanto, é feita com o bom-humor característico da apresentadora, que, por isso, obtém resultados positivos junto às pessoas que aparecem na tela.” (CHAVES, 2007, p. 36)

Depois de 15 anos sem atuar em novelas, Regina voltou em *As Filhas da Mãe* (2001)²², de autoria de Silvio de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil e direção de Jorge Fernando, Marcelo Travesso e Marcus Alvisi. Em 2003, a atriz participou da segunda versão

²⁰ MEMÓRIA GLOBO. *Fantástico*. Op. Cit

²¹ _____. *Globo Educação. Um Pé de Que?* Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/cidadania/globo-educacao/globo-educacao/um-pe-de-que.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

²² _____. *As Filhas da Mãe*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/as-filhas-da-mae.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

da novela *Ciranda de Pedra*²³, escrita por Alcides Nogueira e dirigida por Denise Saraceni. Esta foi a última novela em que Regina Casé atuou.

Neste período, além de atuar, Regina estreou como autora e diretora, ao lado de Fernando Meirelles, no episódio *Uólace e João Vitor*, o quarto da primeira temporada da série *Cidade dos Homens*²⁴, exibida pela TV Globo em 2002. A série, que voltaria a TV nos três anos seguintes, teve outros três episódios de autoria de Regina Casé: *Tem que Ser Agora*, exibido em 28 de outubro de 2003; *Pais e Filhos*, de 22 de outubro de 2004; e *As Aparências Enganam* que foi ao ar em 09 de dezembro de 2005. Também é de autoria de Regina, juntamente com Hermano Vianna e Guel Arraes, o quadro quinzenal *Brasil Total*, que foi ao ar no Fantástico e em mais programas da TV Globo entre 2003 e 2005. Feito a partir de sugestões do público vindas de todo o país o programa, segundo a pesquisadora Sarah Chaves, fez “um esforço no sentido de ‘dar voz’ a esse ‘povo’, como uma oportunidade de ele falar por conta própria na TV Globo”. (CHAVES, 2007, p. 38)

Ainda em 2003, Regina produziu e dirigiu o programa *Cena Aberta: A magia de contar uma história* que revelou como é feita a adaptação de obras literárias para a TV. Feita em parceria com a Casa de Cinema de Porto Alegre, a série foi apresentada por Regina e aconteceu em quatro episódios²⁵ baseados em obras da literatura: “Hora da Estrela”, de Clarice Lispector; “Negro Bonifácio”, de Simões Lopes Neto; “Folhetim”, baseado no romance “Ópera de Sabão”, de Marcos Rey; e “As três palavras divinas”, de Leon Tolstói. No ano seguinte, também produziu e dirigiu *São Paulo de Piratininga*²⁶, série de reportagens exibida no Fantástico em comemoração aos 450 anos de fundação da cidade de São Paulo. Neste ano, começaria a trilogia de séries que mapearam o comportamento de três faixas etárias nos tempos atuais, mostrando a visão de mundo destes três grupos. As séries *Adolescentes* (2003), *Novos Velhos* (2004) e *Crianças* (2005) foram exibidas no Fantástico e reexibidas no Canal Futura.

Em 2005, Regina passa a ter mais um quadro dentro do Fantástico. *Mercadão de Sucessos*, quadro integrante do projeto *Brasil Total*, a apresentadora atua como uma

ambulante de músicas populares, imitando os vendedores de produtos “piratas” (falsificados), carregando pelos bairros periféricos do Rio de Janeiro uma carrocinha

²³ MEMÓRIA GLOBO. *Ciranda de Pedra* – 2ª Versão. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/ciranda-de-pedra-2-versao.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

²⁴ _____. *Cidade dos Homens*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/cidade-dos-homens/ficha-tecnica.htm>> Acesso em: 29 out. 2014.

²⁵ CASA DE CINEMA DE PORTO ALEGRE. *CENA ABERTA*. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/realização/séries-de-tv/cena-aberta>> Acesso em: 29 out. 2014.

²⁶ _____. Regina Casé - Trajetória. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm>> Acesso em: 29 out. 2014

repleta de CDs e DVDs que só fazem sucesso num circuito fora das grandes gravadoras e emissoras de rádio e televisão. (CHAVES, 2007, p. 43)

No contato com o público, Regina usa um linguajar repleto de gírias e assume um papel de Mestre de Cerimônias (MC). O quadro teve cinco episódios que, após final do programa, deram origem a um CD com as 20 músicas melhores músicas apresentadas no programa lançado pela gravadora Som Livre, pertencente às Organizações Globo. (CHAVES, 2007) *Mercadão de Sucessos*, é considerado o embrião dos programas que iriam ao ar nos anos seguintes, idealizados pelo trio Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes.

Em abril do ano seguinte, Regina Casé, passou a apresentar o programa *Central da Periferia*²⁷, o mais popular feito por ela até então, exibido no primeiro sábado de cada mês. Inicialmente programado para ter quatro episódios, o programa acabou tendo nove capítulos, onde comunidades pobres do Brasil ganhavam espaço para mostrar suas próprias atrações, ao mesmo tempo em que debatiam a nova relação entre as produções culturais do centro e da periferia no país.²⁸ Por uma necessidade sentida pelos idealizadores do programa o *Central da Periferia* deu origem ao quadro semanal *Minha Periferia*²⁹, exibido dentro do *Fantástico*, onde Regina viajava mostrando as periferias de grandes cidades brasileiras como São Paulo (Heliópolis), Recife (Morro da Conceição), Salvador (Peri-peri), Fortaleza (Praia da Barra), Belém (Centro/Cais do Porto), Rio de Janeiro (Cidade de Deus) e Porto Alegre (Restinga). (CHAVES, 2007)

Regina atuou pela primeira vez em uma minissérie no ano de 2007, em *Amazônia: De Galvez a Chico Mendes*³⁰, de Glória Perez, direção de Marcelo Travesso, Pedro Vasconcellos, Carlo Milani, Roberto Carminatti e Emilio Di Biasi e direção-geral de Marcos Schechtman, onde interpretou a parteira Maria Ninfa. Entre abril e setembro do mesmo ano, foi exibido no *Fantástico* o quadro *Minha Periferia é o Mundo*³¹. Derivado do *Minha Periferia*, o quadro mostrou visitas feitas por Regina a periferias de grandes centros urbanos do mundo como a Cidade do México, Haiti, Porto Príncipe, Luanda, Angola e os subúrbios parisienses. O quadro teve roteiro de Alberto Renault, Hermano Vianna e Regina Casé, com direção de Mônica Almeida e Estevão Ciavatta.

²⁷ MEMÓRIA GLOBO. Central da Periferia. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/central-da-periferia/formato.htm>> Acesso em: 29 de out. 2014.

²⁸ Idem.

²⁹ _____. *Fantástico*. Op. cit.

³⁰ _____. Regina Casé. Op. cit.

³¹ _____. *Fantástico*. Op. cit.

Em 2008, Regina apresentou seu quinto quadro no Fantástico: *Lan House*³². Exibido entre os meses de novembro e dezembro de 2008, o programa mostrou os impactos da internet e das novas tecnologias nas periferias brasileiras, bem como a importância das *lan houses* – pequenos estabelecimentos comerciais onde as pessoas pagam para ter acesso à internet – nas vidas dessas comunidades.

Após passar um período afastada da televisão devido à morte de seu pai, Geraldo Casé, em julho de 2008, e ao acidente sofrido por seu marido, Estevão Ciavatta, em novembro do mesmo ano, Regina voltou à televisão em 2009, apresentando o quadro *Vem Com Tudo!*³³ no Fantástico e atuando na minissérie *Som & Fúria*³⁴. Em *Vem Com Tudo!*, Regina Casé assumiu o papel de uma caçadora de tendências para mostrar o que “o que vem com tudo, o que está com tudo e o que foi com tudo” no Brasil e no mundo. O quadro, que teve texto de Hermano Vianna, direção de Mônica Almeida e Estevão Ciavatta, foi exibido entre junho e dezembro de 2009. Já *Som & Fúria*, adaptada da série canadense *Slings and Arrows*, de Susan Coyne, Mark McKinney e Bob Martin. A série contou, em 12 episódios, o cotidiano de uma companhia teatral habituada a montar clássicos, em especial textos de Shakespeare.

Em 14 de novembro de 2009, Regina Casé participou da conferência TEDx São Paulo, com a palestra “Periferia. Como a produção cultural dos guetos está marcando época”³⁵. Na fala, Regina abordava o último grande projeto que tinha feito, o quadro *Minha Periferia é o Mundo* (2007), exibido no Fantástico e produzido por ela e seus grandes parceiros de televisão: o antropólogo Hermano Vianna, o diretor Guel Arraes e, mais recentemente seu marido e também diretor, Estevão Ciavatta. Na época, Regina falou sobre um projeto do passado, mas poderia ter falado de um projeto futuro:

Todas as séries que a gente [Regina Casé, Hermano Vianna, Guel Arraes e Estevão Ciavatta] produziu até hoje, a gente tentou ir a lugares aonde as pessoas não iam e conversar com pessoas que pareciam invisíveis. O que aconteceu? Logo de início, a gente percebeu que a televisão já não *tava* (sic) mais espelhando o que era realmente popular. E essa palavra começou a perseguir a gente. Popular. Cultura popular. (CASÉ, 2009).

Em 2010, Regina Casé participou do seriado especial de fim de ano, *Papai Noel Existe*, interpretando Francis, uma vendedora de lojas que trabalha no SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), no Rio de Janeiro. A personagem representou

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ MEMÓRIA GLOBO. Som & Fúria. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/som-furia.htm>> Acesso em: 30 out. 2014

³⁵ CASÉ, Regina. Depoimento. TEDx São Paulo. Palestra: ‘Periferia. Como a produção cultural dos guetos está marcando época.’ Transcrição: Emília Adams Hilgert. TEDx. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lavC_gEdCfM>.

de uma só vez muitas das outras personagens já vividas por Regina Casé. (OLIVEIRA, 2011) No mesmo ano, o programa *Esquenta!* começaria a tomar forma.

Além de comandar o programa *Esquenta!*, no ano de 2014, Regina Casé voltou a atuar no cinema. Em *Made in China*, longa que marca a estreia de Estevão Ciavatta na direção de um filme de ficção, Regina vive Francis, vendedora em uma das lojas do Saara que tenta entender porque as mercadorias chinesas são as mais baratas do centro comercial popular do Rio de Janeiro. Já no longa *Que Horas Ela Volta?*, dirigido por Anna Muylaert, Regina interpreta a pernambucana Val, mostrando a realidade das domésticas que deixam o nordeste brasileiro para tentar a vida em São Paulo. O filme é inspirado na relação entre empregados e empregadores. Em 2014, *Que Horas Ela Volta?*, participou da sessão Carte Blanche do Festival Internacional de Cinema de Locarno, na Suíça. Já em 2015 o filme foi indicado ao Festival Internacional de Berlim, levando o prêmio de público na categoria melhor filme na mostra paralela Panorama, e no Festival de Sundance, nos Estados Unidos, Regina e a companheira de cena Camila Márdila, conquistaram o prêmio de Melhor Atriz³⁶.

2.2 Feito Pimenta, o Programa Domingo, *Esquenta!*

“Bateria arrebenta,
todo mundo comenta,
Que feito pimenta,
o programa domingo esquenta.
Regina de janeiro, fevereiro e março.”
Arlindo Cruz e Gilberto Gil

Criado por Regina e seus parceiros de longa data, o antropólogo Hermano Vianna e o diretor Guel Arraes, o *Esquenta!* surgiu a partir de uma encomenda feita pela TV Globo a eles em 2010. O programa deveria ser dominical, de auditório – formato tão popular entre os anos 1970 e 1990 – que seria exibido no horário de almoço, apenas durante o verão. Segundo a apresentadora, a origem do *Esquenta!* está em todos outros programas populares de televisão, como os programas do Chacrinha. “Imitamos o programa Samba de Primeira (CNT), Almoço com as Estrelas (TV Tupi) e o programa do Chacrinha (TV Globo)³⁷”, afirmou Regina Casé em um dos primeiros domingos do programa. Segundo Hermano Vianna (2014), em artigo publicado no jornal O Globo de 10 de abril de 2014, poucos dias antes da estreia da

³⁶ O GLOBO. Filmes. Preconceito atrasou filme com Regina Casé, premiado em Sundance e Berlim, em 20 anos. [2015] <http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/preconceito-atrasou-filme-com-regina-case-premiado-em-sundance-berlim-em-20-anos-15384166>

³⁷ MEMÓRIA GLOBO. Esquenta! Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-/formato.htm>> Acesso em: 31 out. 2014

temporada daquele ano, o *Esquenta!* é o mais longevo entre os programas criados pelo trio e comandados por Regina.

O programa teve dois outros nomes, provisórios, antes de, enfim, se chamar *Esquenta!*. Poderia ter se chamado *Pagode da Casé* ou *Regina de janeiro, fevereiro e março*³⁸ devido, primeiramente, à grande festa imaginada por seus idealizadores para acontecer no palco do programa, e por fim, ao Samba da Regina, música de abertura do programa, composta por Arlindo Cruz e Gilberto Gil, que canta: “Regina de janeiro, fevereiro e março”. (VIANNA, 2014) Foi escolhido *Esquenta!* em razão do propósito designado para o programa: ser um “esquenta”, uma preparação, para o Carnaval, que naquele ano aconteceu em 8 de março, três semanas antes do episódio final da primeira temporada.

O programa, sempre apresentado por Regina Casé, conta com um elenco fixo de sambistas, atores e humoristas, chamados de “a família *Esquenta!*”. Além do elenco fixo, faz parte da “família” um grande número de convidados vindos das mais diversas classes sociais e origens, que se encontram em constante interação no palco. Por ter um elenco tão diverso e tratar de temas por vezes polêmicos, Regina faz questão de reforçar algumas expressões que acabaram por se tornar lemas do programa, tais como “Xô, preconceito!” – usada quando há relatos de preconceito a respeito os integrantes; “Tudo junto e misturado” – para reforçar a união que há entre os participantes do programa; e “O que o mundo separa o *Esquenta* junta” – representando a multiplicidade de pessoas no programa que, normalmente, não estariam presentes em um mesmo espaço. “O programa é uma miscelânea de assuntos com entrevistas, rodas de samba, culinária e personagens populares.”³⁹, assim a TV Globo, define o *Esquenta!* em seu site.

O *Esquenta!* já teve quatro temporadas completas, dois episódios especiais. A primeira temporada do programa foi exibida entre 2 de janeiro e 27 de março de 2011, totalizando catorze episódios. Já na estreia, pôde-se ter uma ideia do sucesso que o programa seria ao marcar 17 pontos de audiência⁴⁰ para a TV Globo, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). Além de Regina Casé, participava do programa um elenco fixo de colaboradores, que formavam a roda de samba e os grupos de comentaristas e humoristas. A roda de samba desta temporada é formada por Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy, renomados sambistas cariocas. Eles animavam a “festa que é o programa”, acompanhavam as

³⁸ VIANNA, Hermano. Bateria arrebenta. Site Jornal O Globo. 10 de abril 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/bateria-arrebenta-12159051>> Acesso em: 01 nov. 2014

³⁹ MEMÓRIA GLOBO. *Esquenta!* Op. cit.

⁴⁰ UOL. Entretenimento. Estreia do "Esquenta" marca 17 pontos de audiência na Globo. [2011] Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/01/03/estreia-do-esquenta-marca-17-pontos-de-audiencia-na-globo.jhtm>> Acesso em: 31 out. 2014.

atrações musicais e, eventualmente, improvisavam novas músicas. Os demais integrantes do elenco nesta temporada eram: o humorista Fábio Porchat, que também atua como comentarista, e os atores Douglas Silva e Mumuzinho, nome artístico do também sambista Márcio da Costa Batista. O elenco conta ainda com um corpo de baile formado pelo grupo de dança Crianças da Beija Flor e pelo Bonde da Madrugada, grupo de dança da favela do Morro do Cantagalo, Rio de Janeiro. Participou dessa temporada o *chef* Anderson Lao, que ajudava na preparação das comidas feitas na cozinha montada no cenário.

Por ter o samba como trilha sonora oficial do programa, a cada domingo, uma escola de samba do Rio de Janeiro foi convidada e levou para o palco do programa bateria, velha guarda, rainha de bateria e passistas. Além disso, passaram pela roda de samba do *Esquenta!* os sambistas Jorge Aragão, Alcione, Dona Ivone Lara, Diogo Nogueira, entre outros. Eclético, o *Esquenta!* também teve apresentações de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Marcelo D2, Gilberto Gil, Preta Gil, Mart'nália, Martinho da Vila e Grupo Molejo. Um quadro de humor também foi fixo no roteiro da primeira temporada, garantindo a cada episódio performances improvisadas no palco. Apresentaram esquetes no *Esquenta!* os humoristas Maria Clara Gueiros, Leandro Hassum, Marcius Melhem, Heloísa Périssé, Ingrid Guimarães, Samantha Schmutz, entre outros. Além da música e do humor, o programa de Regina Casé deu espaço conversas mais sérias. Entre os entrevistados estão os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso e a ex-ministra e candidata à presidência Marina Silva.

A primeira temporada do *Esquenta!* foi descrita pela emissora, na página destinada ao programa, da seguinte maneira:

“Em janeiro, a temperatura começa a subir não só pelo auge do verão, mas também porque vai ao ar o *Esquenta!*. O programa dominical, comandado por Regina Casé, traz de tudo um pouco: verão, domingo, férias, preparação de carnaval e, acima de tudo, muito bom humor. Para começar o ano com o pé direito, a apresentadora vai reunir, em cada programa, uma turma variada para dançar, cantar, conversar e fazer novos amigos, como numa verdadeira festa. E como festa, para dar certo, precisa ter boa música, boa comida e gente interessante. O público pode esperar uma festa real, onde todos os convidados se divertem para valer. [...] Um quadro de humor também é fixo no roteiro, garantindo que a apresentadora receba sempre comediantes em performances quase improvisadas, ao vivo, no palco. Além disso, cada programa tem a participação de um convidado encarregado de preparar um prato de domingo.” (OLIVEIRA, 2014 *apud* TV GLOBO, 2011)

Ainda no ano de 2011 foi ao ar, em 26 de junho, o *Esquentão!*, episódio especial feito em comemoração às festas juninas, que repetiu o sucesso da primeira temporada, ao atingir

uma audiência de 16 pontos⁴¹, segundo o Ibope. A ideia inicial da TV Globo era fazer uma temporada de inverno para o programa, mas os produtores chegaram à conclusão que não haveria tempo suficiente para produzir os episódios de junho. O episódio *Esquentão!* será analisado em profundidade mais adiante, no decorrer desta pesquisa.

A segunda temporada esteve no ar entre 11 de dezembro de 2011 e 01 de abril de 2012. Nela, além do samba, o *Esquentão!* passou a dar maior espaço para as diversas outras formas de manifestações culturais encontradas no Brasil. Mantendo o samba como fio condutor de tudo que acontece no palco e o associando ao funk carioca, aos poucos pôde-se perceber uma abertura do programa a outros gêneros musicais populares como o sertanejo e o axé. Além da música, o programa também passou a dedicar bastante espaço a variedades e entrevistas, tendo sempre como base assuntos e personagens. Um episódio aos moldes do *Esquentão!* apresentado em 2011, também foi exibido em 2012. O programa foi ao ar em 24 de junho daquele ano. Nessa temporada, uniram-se ao elenco fixo do programa a cantora Preta Gil e a dupla de líderes comunitárias do Morro do Cantagalo, Maíra e Camila. Nathália Rodrigues é outra integrante do elenco do programa na segunda temporada, atua como comentarista, participando dos assuntos em pauta. Cega, a menina passou a integrar o elenco após uma entrevista bem humorada sobre a deficiência.

Uma das novidades dessa temporada foi o lançamento de dois quadros: o “Calourão” e a “Biblioteca do *Esquentão!*”. O Calourão – de calouro, em referência aos programas de auditório dos anos 1980 – é uma brincadeira, onde os candidatos mostravam seus talentos e eram julgados por uma bancada formada pelo elenco e por eventuais convidados. Já a Biblioteca do *Esquentão!*, começou como um projeto de incentivo à leitura, onde Regina Casé, em parceria com a Biblioteca Nacional, propôs aos convidados e a todo o elenco do programa que doassem uma cópia de seu livro favorito, autografado e com uma dedicatória pessoal, explicando a importância daquela escolha. O primeiro livro do acervo – O Mistério do Samba, de Hermano Vianna – foi doado à biblioteca pela apresentadora Regina Casé. No final da temporada, o acervo da biblioteca foi disponibilizado para comunidades carentes de diversos lugares do país, onde o acesso a livros é pouco ou nenhum.

As temporadas de 2011 e 2012, bem como os episódios *Esquentão!*, dos mesmos anos, tiveram a mesma ficha técnica. A direção de núcleo foi de Guel Arraes e a direção do programa foi do quarteto de diretores Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e

⁴¹ ESTADÃO. TV & Laser. Regina Casé levanta a audiência da Globo com “Esquentão!”. [2011] Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/tv-e-lazer/2011/06/27/regina-case-levanta-a-audiencia-da-globo-com-esquentao/>> Acesso em: 31 out. 2014.

Mário Meirelles. O roteiro foi finalizado por Alberto Renault e Hermano Vianna, com a participação de Fábio Porchat na segunda temporada. A cenografia foi elaborada por Gringo Cardia e José Cláudio Ferreira; Claudia Kopke foi a responsável pelos figurinos de Regina Casé e de todo elenco de apoio e de crianças. Já as coreografias do corpo de baile foram coordenadas pelo coreógrafo Fly. A abertura foi criada por Hans Donner, Alexandre Pit Ribeiro e Luciano Armaroli.

Devido ao grande sucesso das temporadas anteriores do *Esquenta!*, a terceira temporada do programa foi estendida, a que teve maior duração. Além disso, foi nesta temporada que o programa passou a integrar a grade fixa de programação da TV Globo, sendo exibido semanalmente aos domingos, na faixa horária entre 12h30min e 14h, horário no qual é exibido desde a sua primeira temporada. Em 2013, o *Esquenta!* esteve no ar pelo período de um ano – fora exibido apenas nos verões de 2011 e 2012 – entre 9 de dezembro de 2012 e 1 de dezembro de 2013, totalizando 52 episódios.

Na terceira temporada, o elenco fixo do programa aumentou. A roda de samba, além de Arlindo e Leandro, passou a ter Péricles (ex-integrante do grupo Exaltasamba) e Xandy de Pílares (Ex-Revelação). Douglas Silva e Mumuzinho agora revezam entre a roda de samba, os quadros humorísticos e funcionando também como assistentes de palco. O comediante Victor Sarro também integrou o elenco, como o humorista fixo do programa. No decorrer da temporada foram introduzidos novos integrantes ao elenco, como a menina Luane Dias, que após ficar famosa por publicar vídeos carregados de comentários ácidos na internet, foi convidada a participar do *Esquenta!* como comentarista de moda e beleza.

A nova frequência de exibição, fez com que o programa passasse a abordar outros tópicos além do samba e da vida na periferia, dando mais espaço para questões como diferentes culturas, educação, inclusão social, tecnologia, segurança, saúde, entre outras. A cada episódio um tema era tratado e todos se vestiam a caráter. Estes assuntos eram abordados em conversas da apresentadora com os convidados, a plateia e especialistas. Também foram convocados a falar alguns convidados ilustres, como sociólogos, antropólogos, psicólogos e médicos das mais diversas áreas.

Antes convidados esporádicos, nesta temporada, também passaram a integrar o elenco do *Esquenta!* os intelectuais Alexandre “Alê” Youssef, analista político; Ronaldo Lemos, professor universitário especialista em tecnologia e mídia; e José “Zé” Marcelo Zacchi, especialista em cultura e direitos humanos. Os colaboradores foram apelidados carinhosamente por Regina Casé de “meus cabeçudos”. Alê, Ronaldo e Zé apresentam,

juntamente com Hermano Vianna, o programa sobre inovações tecnológicas Navegador, do canal pago Globo News.

A ficha técnica do *Esquenta!* teve algumas alterações na terceira temporada. A redação final ficou por conta de Patrícia Andrade, Paula Miller e Gustavo Nogueira e o novo cenário é do cenógrafo Claudio Crespo. Nesta temporada, o programa passou a ter uma equipe dedicada à Internet, formada por Ana Bueno, Bianca Kleinpaul, Isabel Ramalho, Luisa Rody, Bruno Eduardo, Rafael Maia, Fernando Ribas, Paula Fadul e Sarah Duarte. Permanecem a figurinista Cláudia Kopke, a diretora Daniela Gleiser, a diretora-geral Monica Almeida e o diretor de núcleo Guel Arraes.

Desde 13 de abril de 2014, está no ar a quarta temporada do programa. No primeiro episódio foram apresentadas novidades do programa para esta temporada. O tema deste episódio foi a “família *Esquenta!*”. As novidades apresentadas foram o novo cenário, novos quadros e o novo integrante do elenco fixo, Luís Lobianco, redator e comediante, que comanda o humor do programa. Os novos quadros são: “O que queremos para o Brasil?” onde personalidades da vida social, política e artística do país apontam os desejos do brasileiro para o futuro; “Visita Musical”, a tradicional mistura de gêneros, ritmos, culturas e classes, promovendo o encontro entre personalidades de diferentes estilos musicais em suas cidades e no palco do *Esquenta!*; e “Roleta Musical” uma brincadeira onde o elenco, dividido em dois grupos – Soldados do Samba e Código Máximo –, deve cantar uma música a partir da palavra sorteada na roleta. Os “pontos” foram acumulados a cada disputa e, no final do ano, o grupo Soldados do Samba foi declarado vencedor.

Também foi resgatado o quadro “Biblioteca do Esquenta”, que havia sido suspenso no ano anterior.

Nesta temporada, além de o figurino estar fortemente relacionado à temática do dia, o cenário também é modificado de acordo. Apenas o sofá posicionado no cenário, e onde ficam sentados os componentes do elenco e os convidados, permanece o mesmo em todos os episódios. A primeira mudança de cenário ocorreu no programa de 20 de abril, tendo a Páscoa, que acontecia naquele dia, como tema do episódio. Grandes ovos de chocolate decoravam todos os espaços do palco, bem como as paredes e o teto do estúdio, de onde pendiam “ovos”, semelhantes a alguns posicionados atrás do grande sofá.

Pela primeira vez desde o início do *Esquenta!*, a vinheta de abertura do programa mudou completamente. O vídeo conta com imagens bastante coloridas, nas quais aparecem todos os integrantes do elenco, em uma mistura de *live-action* e animação. Com a nova vinheta de abertura é apresentada uma nova versão para o “Samba da Regina”, feita a partir da

mistura do samba original, de autoria de Arlindo Cruz, com o funk carioca e a música eletrônica.

Em 27 de abril de 2014 foi exibido o *Esquenta! - Despedida DG*, uma edição especial dedicado a DG (Douglas Rafael da Silva Pereira), bailarino do programa assassinado dias antes em um tiroteio durante uma operação da polícia militar na favela do morro Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro. O episódio contou com a participação de celebridades, cantores gospel, amigos e familiares do dançarino, que discutiram a violência.

Durante a Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil entre 12 de junho e 13 de julho de 2014, o programa foi exibido ao vivo, em horário diferente do tradicional e com tempo reduzido (45 minutos), pois precisava se adaptar ao cronograma de jogos da Copa. A temática de todos os episódios deste período foi o futebol. Atletas, do futebol e de outros esportes, e turistas estrangeiros que estavam no país para acompanhar a competição participaram como convidados do programa. Até mesmo os jogadores da Seleção Brasileira de Futebol participaram do *Esquenta!* em entrevistas e no quadro Roleta Musical, ambos gravados na Granja Comary, local de concentração do time.

No verão de 2015, houve o resgate da participação de escolas de samba no *Esquenta!* em uma série especial com a participação das sete primeiras colocadas do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo. De 4 de janeiro a 15 de fevereiro de 2015 – os sete primeiros domingos do ano – o programa teve a participação de uma escola de samba do Rio de Janeiro e outra de São Paulo. O primeiro programa teve a presença das escolas Beija Flor de Nilópolis (RJ) e Tom Maior (SP) classificadas em sétimo lugar no carnaval de 2014 – cada agremiação participou do programa com cerca de 80 integrantes. A série de programas especiais encerrou-se em 15 de fevereiro, domingo anterior ao dia de carnaval, com a participação das escolas campeãs do carnaval 2014: Unidos da Tijuca, do Rio de Janeiro, e Mocidade Alegre, de São Paulo. A Rede Globo é atual detentora dos direitos de transmissão do Carnaval das duas cidades, por isso a facilidade e o interesse da emissora em trazer as agremiações ao palco do programa.

A ficha técnica da atual temporada do *Esquenta!* conta com redação final de Paula Miller e Gustavo Nogueira, direção de Daniela Gleiser, direção geral de Mônica Almeida e núcleo de Guel Arraes.

Conhecer a apresentadora Regina Casé, bem como conhecer o caminho percorrido por ela e que levou a criação do programa *Esquenta!* servem como sustentáculo para a compreensão da análise feita no objeto empírico.

3 *ESQUENTA!*, POPULAR E MASSIVO

A partir do referencial teórico exposto e também da contextualização do objeto de estudo, o *Esquenta!*, apresentaremos neste capítulo a proposta metodológica para este trabalho. Em seguida, realizaremos a descrição dos episódios do programa *Esquenta!*, bem como a análise feita sobre eles.

3.1 Proposta Metodológica

O programa *Esquenta!* é um dos poucos programas populares na televisão brasileira. A fim de analisá-lo, fizemos a opção por realizar um Estudo de Caso, por ser esta uma estratégia de pesquisa bastante abrangente e que nos dará as condições necessárias para que possamos compreender a cultura popular massiva no *Esquenta!*.

Estudos de caso são pesquisas empíricas que investigam fenômenos contemporâneos dentro de um contexto da vida real, especificamente quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente. (YIN, 2001) Existem diversas definições para os estudos de caso, entre elas, encontramos a de Ponte (2006), que considera o estudo de caso como

uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse. (PONTE, 2006, p. 2)

O programa *Esquenta!*, foi escolhido o objeto desta pesquisa por considerarmos como um programa de caráter único, o mais representativo de cultura popular massiva, e queremos, através do estudo de caso, compreender este fenômeno específico da produção televisiva brasileira na atualidade.

Para atingir os objetivos desse estudo faremos uma indentificação dos elementos de cultura popular articulados nos episódios do programa *Esquenta!*. Esta análise dos episódios escolhidos permitirá ressaltar quais elementos da cultura popular são apropriados pela produção do programa.

3.1.1 Procedimentos Metodológicos

Para a referida análise, foram escolhidos cinco episódios do programa *Esquenta!*: um de cada uma das quatro temporadas, além do primeiro episódio especial junino, *Esquentão!*, exibido em 26 junho de 2011. Da quarta temporada (2014/15), tendo em vista que ainda transcorria quando esta pesquisa foi iniciada, foram pré-selecionados os episódios compreendidos entre 12 de abril e 31 de agosto de 2014, sendo que o episódio escolhido foi o exibido em 17 de agosto.

Nossa intenção aqui é abranger todo o período de produção do *Esquenta!*, por isso, escolhemos um episódio de cada temporada do programa, numa escolha aleatória, mas com o cuidado de selecionar episódios com assuntos relevantes para a análise da cultura popular massiva. Trazemos o quadro abaixo como forma de visualizar mais facilmente os episódios selecionados e a data em que foram exibidos.

QUADRO 1 – Nome e data dos episódios do *Esquenta!* selecionados para análise.

| Episódio | Data |
|---------------------------------------|-------------------------|
| Grande Arlindo Cruz | 27 de fevereiro de 2011 |
| <i>Esquentão!</i> | 26 de junho de 2011 |
| Grão-Pará | 04 de março de 2012 |
| <i>Esquenta!</i> na Escola | 06 de outubro de 2013 |
| Batuque na cozinha a sinhá quer, sim! | 17 de agosto de 2014 |

Fonte: Dados de Pesquisa

Por termos acompanhado o programa desde o início, há quase cinco anos, pudemos perceber a repetição de diversos elementos em todos os episódios. A análise dos cinco episódios selecionados se dará, então, a partir dos seguintes aspectos:

- Temática;
- Formal;
- De conteúdo.

3.2 Os Episódios

O *Esquenta!* estreou em 2 de janeiro 2011, como um programa de verão, ficando no ar nos meses de janeiro, fevereiro e março daquele ano. E mesmo em um período curto de exibição, alcançou altos índices⁴² de audiência para o horário. Já na segunda temporada, em 2012, o programa mostrou a que veio, alcançando índices de audiência tão altos quanto os do

⁴² Estes dados estão disponíveis na nota 40.

ano anterior. A temporada começou a ser exibida em dezembro de 2011 e ficou no ar até abril do ano seguinte, com média de audiência de 13 pontos, segundo o Ibope⁴³. O sucesso aumentou tanto, que a terceira temporada durou um ano inteiro: começou em dezembro de 2012 e terminou em dezembro do ano seguinte. Desde abril de 2014, está sendo exibida a quarta temporada do *Esquenta!*, que entrou sem interrupções.

Nas três primeiras temporadas (2011 a 2013), o programa iniciava com a vinheta de abertura, um vídeo de animação em *stop-motion*, com cerca de 30 segundos. O vídeo retratava o que era dito na música-tema do programa, mostrando uma figura de Regina “na cobertura, na laje”. As imagens se assemelham a recortes em folhas de papel rústico e as cores predominantes variam em tons de vermelho, amarelo e laranja. Quando na música-tema é cantado “bateria arrebenta”, são mostradas figuras de bonecos formando uma bateria. Já, quando é cantado “feito pimenta”, aparecem figuras de pimenta. Termos como “alô”, “popular” e “*Esquenta!*”⁴⁴ aparecem desenhados, também em papéis rústicos, na tela. É possível perceber alguns destes aspectos na Figura 1.

FIGURA 1 – Trechos da abertura das temporadas 1ª a 3ª do *Esquenta!*



Fonte: Site Memória Globo - *Esquenta!* (2011)

Desde a primeira temporada, está presente uma série de ações e elementos que são repetidos, salvo exceções, em todos os programas, como num padrão:

a apresentadora Regina Casé entra ao som da música-tema *Esquenta!* (Samba da Regina) e apresenta os convidados participantes. Há apresentações musicais e artísticas, além de entrevistas variadas no palco com linguagem informal, se aproximando da ideia de um bate-papo. Em um cenário multicolorido, a apresentadora interage com a plateia, convidados e elenco. A atração é temática e costuma girar em torno de diversos assuntos, dependendo do dia da exibição. [...] O cenário no estúdio e o figurino do elenco estão vinculados de alguma forma ao tema da gravação. (OLIVEIRA, 2014, p.3)

⁴³ Na TV por Carol Gregnanin. Nova temporada do 'Esquenta' registra boa audiência na estreia e mostra ótimo momento da Globo aos domingos. (2012) Disponível em: <<http://natv.ig.com.br/index.php/2012/12/10/nova-temporada-do-esquenta-registra-boa-audiencia-na-estreia-e-mostra-bom-momento-da-globo-aos-domingos/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

⁴⁴ CRUZ, Arlindo; GIL, Gilberto. *Esquenta!* (Samba da Regina). [2010] Disponível em: <<http://letras.mus.br/arlindo-cruz/1834406/>> Acesso em: 18 ago. 2014

Igualmente, é repetida a cada episódio a ordem de exibição das atrações do programa. A partir da análise, verificou-se que podemos dividir um episódio do *Esquenta!* em seis momentos:

- a) Introdução: Regina Casé entra no palco do programa ao som da música-tema do programa, o Samba da Regina, composto por Arlindo Cruz. Desde 2013, quando os episódios passaram a ser temáticos, é na introdução do episódio que a apresentadora expõe o tema escolhido para o programa naquele dia.
- b) Apresentação dos convidados: Neste momento, a apresentadora introduz os convidados do dia ao público. É comum que os músicos da Roda de Samba adaptem a música-tema do programa aos convidados, como aconteceu no episódio de 04 de março de 2012, quando a música foi adaptada à presença da sambista Beth Carvalho no programa: “Bateria arrebenta, todo mundo comenta, com a Beth Carvalho o programa domingo *Esquenta!*”⁴⁵.
- c) Entrevistas, apresentações musicais e quadros humorísticos: estes quadros aparecem de forma alternada ao longo do programa. São entrevistas com os convidados, apresentações musicais que, normalmente incluem de duas a três músicas cantadas pelo músico convidado ou, eventualmente, músicos convidados que acompanham ou são acompanhados pela Roda de Samba do programa. Entre as apresentações musicais e as entrevistas costuma acontecer o “bateria arrebenta”, uma espécie de homenagem feita a um convidado (ou mais) que é chamado ao centro do palco e a música-tema do programa é cantada para que sambe. Não são todos os convidados que recebem esta homenagem, considerada de grande importância pelos integrantes do programa. Acontece também a adaptação da música-tema do programa ao convidado, o mesmo que no início, na apresentação dos convidados. Já os quadros de humor, que inicialmente ficavam a cargo de humoristas convidados, hoje são de responsabilidade dos colaboradores fixos e atores Douglas Silva e Mumuzinho que satirizam os convidados, ou até mesmo os colegas integrantes do *Esquenta!*.
- d) Relato social: No último bloco do programa, é feita uma entrevista de teor mais sério e que costuma ter cunho social. São entrevistadas pessoas pré-selecionadas que estão na plateia, como espectadores, e que somente participam do programa na etapa final do episódio. Os entrevistados trazem relatos de superação social e/ou pessoal.

⁴⁵ Grifo nosso.

- e) Apresentação musical final: A última apresentação do episódio costuma ser feita pelo convidado musical. É comum que o este cante uma de suas músicas-sucesso, sendo sempre acompanhado pelo grupo da Roda de Samba.
- f) Encerramento: O programa é encerrado com a apresentadora retomando brevemente a temática do episódio. Então, Regina Casé se despede do público: “Até domingo que vem, com muito mais *Esquenta!*”

3.2.1 Grande Arlindo Cruz

O programa de 27 de fevereiro de 2011 começa com Regina Casé entrando no palco pela rampa do esquentódromo – o sambódromo do *Esquenta!* – enquanto Leandro Sapucahy canta o *Samba da Regina*, música tema do programa. A apresentadora introduz os convidados que participam do episódio: a humorista Samantha Schmutz, a *rapper* Nega Gizza, o cantor gospel Waguinho, o grupo Pura Tentação e Arlindo Cruz, que neste dia não participa do programa como integrante da roda de samba. Como de praxe nos episódios da primeira temporada, também participa do programa uma das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro. Neste dia, a escola convidada é a Império Serrano.

Regina chama Arlindo Cruz ao centro do palco e explica ao público a razão de o sambista não ter cantado a música tema do programa como havia feito nos episódios anteriores: ele é será o homenageado do dia. A apresentadora fala da carreira musical de Arlindo que, na época tinha cerca de 500 músicas gravadas – hoje são mais de 700⁴⁶ – além de diversos sambas enredo para o carnaval carioca. Regina pede que o sambista cante *Meu Lugar*, uma das músicas de maior sucesso compostas por Arlindo, que sobe em outro palco montado no cenário, somente para apresentações musicais. Enquanto Arlindo canta, o público desce da plateia, montada em arquibancadas, e cerca o palco onde ele está. O elenco e os convidados dançam. Regina Casé se une a Arlindo para cantar.

Após a apresentação de Arlindo Cruz, Regina vai até um terceiro palco montado no cenário, onde conversa com a *rapper* Nega Gizza, uma das fundadoras da Central Única das Favelas (CUFA), projeto social criado da união entre jovens – na maioria negros moradores de diversas favelas cariocas – que buscavam espaços onde pudessem se expressar e levar seus questionamentos. A apresentadora fala do quanto a *rapper* é respeitada, principalmente por

⁴⁶ Arlindo Cruz. Biografia. Disponível em: <<http://arlindocruz.com.br/biografia/>>.

sua dedicação às causas sociais e como referência feminina no mundo *rap*. Nega Gizza canta uma de suas músicas enquanto integrantes da CUFA dançam *breakdance*⁴⁷. A rapper comenta os projetos sociais geridos pela CUFA, como a Liga Internacional de Basquete Rua (LIIBRA) reconhecida por reunir esporte, cultura e movimento social. Gizza explica as diferenças que há entre o basquete tradicional e o basquete de rua, que como o nome afirma, tem suas próprias regras e difere do esporte tradicional principalmente no ambiente onde acontece: nas ruas e em áreas embaixo de viadutos. Alguns jogadores do time da LIIBRA estão no palco, uniformizados e brincando com bolas de basquete. Outros integrantes da CUFA grafitam⁴⁸ em murais montados ao fundo do cenário. É feito o primeiro intervalo comercial.

O segundo bloco do programa inicia com Arlindo Cruz cantando o samba *Insensato Destino*. Regina Casé dança com um integrante do elenco do programa, o público e os convidados também dançam. Regina convida Arlindo Cruz e a família para a acompanharem até cozinha montada no cenário do programa. Lá está a nutricionista Christiane Rodrigues que ensina o sambista a fazer uma receita de feijoada *light*. A apresentadora explica ao público as razões de estarem apresentando uma receita saudável: inspirados no emagrecimento de Regina Casé, o sambista e sua família estão passando por um processo de reeducação alimentar.

Regina Casé pede, então, que o grupo Pura Tentação cante. O grupo é acompanhado pelos componentes da roda de samba do programa, enquanto os convidados e o elenco dançam. Após a música, Regina chama para o palco Bárbara Barbosa, a Babi, esposa de Arlindo Cruz. Babi, que foi porta-bandeira da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ), entra no palco pelo esquentódromo, dançando. Regina e Babi conversam sobre o trabalho dela como porta-bandeira enquanto são exibidos no telão trechos de vídeos de Babi em carnavais passados. A apresentadora, então conversa com Arlindo, Babi e os filhos sobre a história de vida do casal. Arlindo Cruz canta o samba *O que é o amor?* O elenco e os convidados dançam. A apresentadora passa a falar, então, dos bailes de Charme realizados embaixo do viaduto Negrão de Lima, no bairro periférico de Madureira, Rio de Janeiro. Charme é um termo antigo usado para o *Rhythm and Blues (R&B)*, mistura de ritmos de *soul* norte-americano e rock, muito popular nas periferias do Rio de Janeiro na década de 1980. Regina pergunta aos convidados e ao elenco se costumavam frequentar este tipo de

⁴⁷ *Breakdance* – manifestação social feita em dança, surgida nos Estados Unidos como forma de protesto à repressão policial sofrida por grupos minoritários.

⁴⁸ *Grafitte* – manifestação artístico-social feita em espaços públicos, normalmente em paredes. Ligado diretamente a vários movimentos, o *Grafitte* é uma forma de expressar a opressão vivida por grupos minoritários.

bailes. Arlindo Cruz e Waguinho confirmam. O bailarino Fly, coreógrafo do programa, dança com alguns bailarinos e os convidados do programa. Regina Casé pede ao telespectador que não a “abandone, porque o *Esquentar!* já volta!”. Assim é encerrado o segundo bloco.

No início do terceiro bloco do programa Arlindo Cruz canta novamente, enquanto os convidados e a plateia dançam. A atriz Samantha Schmutz faz um esquete de humor. Em uma mudança de assunto, Regina Casé afirma que o *Esquentar!* é contra qualquer tipo de preconceito. Segundo a apresentadora, no Brasil todas as religiões podem conviver em harmonia. Em momento dito ecumênico, Regina pede que o grupo Pura Tentação cante o samba *A Outra Ceia*. Elenco, público e convidados dançam. Regina chama ao palco Marquinhos, autor do samba cantado pelo grupo. A música trata de sincretismo religioso, como uma versão negra da última ceia com os orixás do candomblé interpretando os santos católicos. A apresentadora explica ao público que Oxalá, sincretizado, representa Jesus Cristo. Regina, então, pergunta aos integrantes do grupo Pura Tentação quais as suas religiões – formam o grupo um espírita, um católico, dois protestantes e dois que “frequentam terreiros de Macumba” (Umbanda) – e se diz muito feliz com a variedade de religiões seguidas pelos integrantes do grupo. Regina passa a conversar com Waguinho, pastor evangélico da igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD) e sambista gospel. Ele fala de como se apropria do samba para fazer trabalhos sociais que incluem a ressocialização de criminosos em comunidades periféricas e presídios. O sambista afirma que sua igreja já “recuperou” cerca de sete mil pessoas do tráfico de drogas. Mostrando novamente a mistura de religiões no programa, Regina introduz Bidu, Mãe de Santo, que conhece Waguinho desde a infância, dos terreiros de macumba. A apresentadora também faz referência a Arlindo Cruz, “macumbeiro”, e à sua mãe, evangélica há mais de 30 anos. São todos amigos, independentemente de suas religiões.

Em seguida, Regina Casé resgata fatos da carreira musical de Waguinho, que canta trechos do samba *Marrom Bombom* e a versão “evangélica” da música, *Meu Jesus é Bom*. A apresentadora fala do envolvimento do sambista, no passado, com o tráfico de drogas e ele afirma ter sido “resgatado por Cristo”. A apresentadora pede a Waguinho que cante dois sambas evangélicos. Por fim, Regina pede ao grupo Pura Tentação e a Waguinho que cantem a música *Segura na Mão de Deus*. Para demonstrar a diversidade religiosa no programa, Regina encerra o quadro com expressões usadas por diversos grupos religiosos como amém, *saravá*, *axé*, *shalom*, glória a deus e aleluia. O programa termina com Regina Casé pedindo à escola de samba Império Serrano que desça o esquentódromo, cantando o samba *Aquarela*

Brasileira, de Silas de Oliveira. A partir da análise, pudemos sintetizar os elementos deste episódio do *Esquenta!* no quadro 2.

QUADRO 2 – Elementos analisados no episódio da 1ª temporada

| Análise do episódio 1 | | |
|------------------------------|---|---|
| Elementos formais | Cenário | Circular, com três palcos, e arquibancadas para o público. |
| | Figurino | Regina: roupa branca; Elenco: Roupas “de verão”, em verde e branco. |
| | Convidados | Arlindo Cruz e família, Nega Gizza e integrantes da CUFA, Samantha Schmutz, Waguinho, Grupo Pura Tentação e Império Serrano. |
| Elementos temáticos | Nesta temporada ainda não há a definição de um só tema para o episódio. | |
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Cantor é homenageado e, vinculados a ele, são tratados os temas: samba, família, diversidade religiosa, problemas e projetos sociais. |
| | Músicas | Samba da Regina (Leandro Sapucahy); Testa de ferro (Nega Gizza); Meu lugar (Arlindo Cruz); O que é o amor? (Arlindo Cruz); Casal sem vergonha (Arlindo Cruz); Insensato destino (Arlindo Cruz); Batucada boa (Arlindo Cruz); Aquarela Brasileira (Império Serrano); Marrom Bombom (Waguinho); Meu Jesus é bom (Waguinho versão); Dono da boca (Waguinho); Pão com Jesus (Waguinho). |

Fonte: Dados de pesquisa

A primeira temporada do programa parece ter sido feita sem muita preocupação com roteiros. Como os episódios não tinham claramente um tema, os assuntos pareciam ser tratados na medida em que surgiam na conversação. O episódio analisado é em homenagem a Arlindo Cruz e os assuntos tratados durante o programa, de certa forma, convergem a ele. Neste dia, foi falado sobre samba, família, diversidade religiosa, problemas e projetos sociais.

O formato do *Esquenta!* na primeira temporada lembra o que Martín-Barbero (2003) chama de “modo circense” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 325), onde são articuladas as confusões do dia-a-dia em uma lógica de contrastes. Dentro desse modo circense o autor coloca a valorização da família e a dificuldade em mantê-la unida. No episódio, percebemos isso, quando a família de Arlindo – esposa e filhos – é chamada ao palco para conversar com Regina Casé. Ao mesmo tempo em que são feitas declarações de carinho e admiração entre os membros da família, também são reveladas as diferenças que há entre eles, quando o casal comenta (com leveza) uma discussão que teve, nos bastidores do programa.

Também faz parte dessa lógica do circo o “trânsito livre’ de crenças e cultos incompatíveis” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 325). Entre os convidados do dia, estão o grupo Pura Tentação – formado por seis componentes que seguem quatro religiões diferentes, Waguinho, pastor da ADUD, que conhece desde a infância a Mãe de Santo Bidu, outra convidada. Além deles, é mostrado o trânsito livre de crenças dentro da família de Arlindo. Ele se diz “macumbeiro”, ou seja, segue religiões afro-brasileiras, enquanto sua mãe é frequentadora de igrejas evangélicas há mais de 30 anos.

Para o autor, a forma torta como aconteceu a legitimação social da música negra no Brasil expõe os limites que havia na compreensão das “contradições e seduções” (MARTIN-BARBERO, 2003, p 251) da relação entre o popular e o massivo. Principalmente, ao colocar o popular no contexto urbano, como aconteceu com o samba. Assim como o samba, as novas manifestações culturais, como os bailes de charme dos anos 1980 e o *rap*, também passaram por um processo de legitimação. Antes vista como expressão cultural menor, o “charme” passou a ser chamado de *R&B* e a atrair para os bailes pessoas de todas as classes sociais, não apenas moradores das comunidades onde as festas acontecem. Podemos dizer que o mesmo acontece com o *rap*, que nas comunidades periféricas passou a ser uma ferramenta de contestação social. Aqui, se repete a legitimação *cultural* do ritmo proposta por Martín-Barbero (2003), neste caso, de ritmos que não são originalmente brasileiros, mas produtos culturais massivos norte-americanos que foram absorvidos. O autor considera que a “suja’ indústria cultural e a perigosa vanguarda estética” (MARTIN-BARBERO, 2003, p 253-4) que vão adicionar o ritmo negro à cultura da cidade, legitimando o popular-urbano como uma cultura nova em um novo mercado musical onde, em processo de transformação, convive com a música internacional e o cotidiano das cidades. Segundo Martín-Barbero (2003), essa nova apropriação do samba pelo homem da cidade fez com que o ritmo se livrasse do “mito das origens” e deixasse de servir “unicamente para preencher o vazio de raízes de que padece o homem citadino” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 254)

Podemos perceber que, mesmo sem a definição de um só tema para o episódio, os assuntos tratados, que pareciam não ter ligação entre si, tiveram, ao final do programa, relação com Arlindo Cruz, um personagem da cultura popular.

3.2.2 *Esquentão!*

Tudo no episódio de 26 de junho de 2011 foi adaptado às festas juninas, a começar pela vinheta de abertura do programa. Para que a abertura do programa remetesse ao tema do episódio, foram adicionadas imagens de bandeirolas e fogueiras, na animação com cenário de favela que aparecia já durante a primeira temporada. Já nos bonecos que aparecem na mesma sequência de cenas, percebe-se que foram colocados chapéus de palha e os pandeiros foram trocados pelas sanfonas. É possível notar estes elementos juninos na figura 2.

FIGURA 2 – Elementos das festas juninas inseridos na abertura do *Esquentão!*

Fonte: Site Memória Globo – *Esquentão!* (2011)

O *Samba da Regina* também foi modificado conforme o tema do episódio: “A sanfona arrebenta / Todo mundo comenta / E pulando a fogueira o nosso domingo, Esquentão!”⁴⁹. Ao trocar a bateria pela sanfona, fica claro que no episódio, o samba dará lugar aos gêneros musicais típicos das festas juninas: o sertanejo e o forró.

Com a adaptação do episódio à temática, também foi mudado o nome do programa ao final da vinheta, passando de *Esquentão!*, para *Esquentão!*, em referência ao quentão, bebida típica das festas juninas. Vejamos a Figura 3.

FIGURA 3 – *Esquentão!*

Fonte: Site Memória Globo – *Esquentão!* (2011)

O programa começa com Regina Casé sendo chamada ao palco por Jeca Bento, personagem anfitrião do Arraial da Providência, promovido pelo Banco da Providência, no Rio de Janeiro. Jeca reverencia São João e a apresentadora: “Viva São João! Viva Regina Casé!”. Regina entra no palco pelo esquentódromo acompanhada pelo elenco, que dança quadrilha. “Ó *nóis* aqui *traveis* (sic)” diz a apresentadora, que afirma ter sentido muita

⁴⁹ Grifo nosso.

saudade de todos do programa. Regina pede ao telespectador que se anime, que “saia de baixo das cobertas”, porque o *Esquenta!* chegara para aquecer o inverno. “Esta começando o *Esquentão!*”, anuncia a apresentadora.

Regina apresenta os convidados do episódio: o cantor sertanejo Luan Santana, a banda Aviões do Forró, o sanfoneiro Targino Gondim, os humoristas Marcelo Adnet e Dani Calabresa, o ator Domingos Montagner e o vendedor ambulante Genivaldo. Também é convidada do programa, mas não integra o quadro de apresentação dos convidados a Quadrilha Fogo de Palha, da qual o personagem Jeca Bento é integrante.

Logo após apresentar os convidados, Regina Casé fala brevemente do sucesso que fazia na época o sertanejo Luan Santana. Regina pede a Luan que cante uma de suas músicas. No palco está a banda do cantor. O público o acompanha cantando com bastante animação. Em seguida, Regina e Luan voltam a conversar sobre a carreira dele. Questionado pela apresentadora sobre a fama, ele afirma que sempre quis ser sertanejo, porém não imaginava que faria tanto sucesso. Regina pergunta ao público se sabem que além de cantor, Luan Santana também é produtor musical. Então, é chamada ao palco a dupla sertaneja Conrado e Alexandro, que canta uma música do seu repertório. Dando continuidade a conversa com o sertanejo, Regina pergunta se ele gosta de (festas de) São João e qual a comida preferida dele na festa. O cantor afirma adorar a festa e que comida preferida é pamonha. Regina leva Luan ao encontro de Genivaldo, “o maior pamonhólogo”, para que o cantor experimente uma pamonha.

Regina conversa então, com o ator Domingos Montagner, que interpretava o cangaceiro Herculano na novela das 18h *Cordel Encantado*. São exibidos no telão trechos de cenas do Capitão Herculano na novela, que se passa na cidade fictícia de Brogodó, no sertão nordestino. Domingos, paulista, fala das influências nordestinas que tem em casa, graças à esposa que é natural do Rio Grande do Norte. O ator, afirma que estas influências ajudaram a desenvolver a personagem que interpreta na novela. Encerrada esta conversa, Regina Casé apresenta o sanfoneiro Targino Gondim e pede que ele e sua banda cantem uma música de Luís Gonzaga. Ao final da música é feito o primeiro intervalo comercial do episódio.

O programa volta com a banda Aviões do Forró cantando, enquanto o elenco e a apresentadora dançam. Os convidados Marcelo Adnet e Dani Calabresa apresentam um esquete de humor. Em seguida, Regina Casé entrevista os vocalistas da banda Aviões do Forró Solange e Xand. Os músicos conversam com a apresentadora sobre o início da carreira, a primeira aparição da banda na televisão no episódio do programa *Central da Periferia* (2006) gravado em Recife (PE). Também são lembrados alguns dos sucessos da banda,

como *Ovo de Codorna*, versão feita para a trilha sonora da novela *Morde e Assopra* (2011) da música de Luís Gonzaga. Regina chama ao palco Targino Gondim e pede que o músico cante a versão original da música. Logo após, a apresentadora pede aos Aviões do Forró que cantem a sua versão da música. Enquanto isso espetinhos com ovos de codorna são distribuídos para o público. Percebendo um pequeno tumulto na plateia devido à distribuição dos espetinhos, Regina Casé passa a distribuir o aperitivo de forma bastante semelhante a feita por Abelardo Barbosa, o Chacrinha: “Vocês querem ovo de codorna?”, dizia a apresentadora. A banda do programa toca a música tema do programa *Cassino do Chacrinha* (1982), enquanto Regina interage com o público.

A apresentadora volta a falar com Targino, perguntando a ele sobre as principais características do forró feito por Luís Gonzaga. O sanfoneiro exemplifica estas características tocando sanfona. A banda Aviões do Forró canta novamente e encerra o segundo bloco deste episódio.

O terceiro bloco do programa inicia com uma apresentação de Luan Santana. Em seguida, Regina Casé introduz o novo assunto do episódio. A apresentadora aborda a facilidade com que, nos últimos anos, as pessoas têm viajado de avião, o que não era possível para as classes populares até pouco tempo. Regina comenta as situações engraçadas, e por vezes constrangedoras, que estas pessoas, que não costumavam frequentar aeroportos têm passado, devido à inexperiência. Algumas pessoas da plateia se manifestam, dizendo já ter passado por situações semelhantes e a apresentadora vai até elas para que relatem suas experiências ao viajar de avião pela primeira vez. Estas pessoas são clientes da agência de viagens Compre Mais, localizada na Feira de São Cristóvão, importante polo da cultura nordestina no Rio de Janeiro. O dono da agência de viagens conta que a empresa foi criada e localizada na Feira de São Cristóvão com o objetivo de facilitar a viagem de retirantes nordestinos de volta à sua terra natal. Regina elogia a iniciativa do empresário. De volta ao palco, a apresentadora chama novamente o casal Marcelo Adnet e Dani Calabresa para um esquete de humor sobre aeroportos e viagens de aéreas.

Regina inicia o último quadro do programa falando do avô, Adhemar Casé, pernambucano, que veio para o Rio de Janeiro tentar uma vida melhor. Segundo a apresentadora, o avô “enricou e foi morar em Copacabana, num palacete”, mas mantinha o gosto pelas tradições nordestinas, entre elas as festas de São João. Regina Casé afirma ter aprendido com o avô a sentir muito orgulho de ser brasileira, nordestina e de ter conseguido tudo na vida graças ao trabalho. A apresentadora relembra então, a vez em que encontrou, no sertão paraibano, um senhor muito parecido com seu avô. Este senhor teria entregado a ela um

disco de seu filho. Regina, diz que não ter ouvido o disco em seguida, pois estava muito ocupada com as gravações do filme *Eu, Tu, Eles* (2000), de Andrucha Waddington. Ainda durante as gravações do filme, Regina ouviu as músicas do disco que havia recebido e fez questão que uma delas entrasse para a trilha sonora do filme. A música é *Esperando na Janela*, de Targino Gondim, e se tornou um “clássico” das festas juninas. Regina encerra o *Esquentão!* dizendo que, durante todo o programa, quando falava do “nordestino”, tinha falado dela mesma: “Minha família é toda de Pernambuco. Sou paraíba, sou baiana, sou cabeça chata, sou paraíba de obra, paruara. Sou brega, sou cafona, sou nordestina!” O programa termina com Targino Gondim tocando com sua banda e cantando a música *Esperando na Janela*.

Depois de analisar o episódio, pudemos sintetizar os elementos do *Esquentão!* no quadro 3.

QUADRO 3 – Elementos analisados no episódio especial *Esquentão!*

| Análise do episódio 2 | | |
|------------------------------|----------------|---|
| Elementos formais | Cenário | O mesmo da primeira temporada, porém decorado com elementos típicos das festas juninas. |
| | Figurino | Regina e elenco – trajes “caipiras” |
| | Convidados | Luan Santana, Aviões do Forró, Targino Gondim, Marcelo Adnet e Dani Calabresa, Domingos Montagner, Genivaldo e Jeca Bento. |
| Elementos temáticos | Festas juninas | |
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Forró, forrós de Luiz Gonzaga, música sertaneja, comidas típicas de festas juninas, nordestinos fora do Nordeste. |
| | Músicas | Coração (Aviões do Forró); Dá Beijinho que Passa (Aviões do Forró); Ovo de Codorna (Aviões do Forró - versão); Meteoro (Luan Santana); Amar não é pecado (Luan Santana); Ovo de Codorna (Targino Gondim); Esperando na Janela (Targino Gondim). |

Fonte: Dados de pesquisa.

Diferentemente do episódio anterior, o *Esquentão!* tem uma temática bem definida: as festas juninas, uma festa originalmente popular. Segundo Morigi (2002) a festa junina, ou festa de São João, do Nordeste brasileiro teve origem no ciclo das colheitas agrícolas mesclado ao calendário religioso, porém, com o processo de migração do campo para a cidade, as festas se modificaram, tornando-se espetáculos feitos para as massas. O autor afirma que, a festa junina condensa em si diversos elementos da cultura local e regional onde é ancorada a tradição nordestina.

Essa colagem de imagens, sons, ritmos, crenças, valores, representações, práticas e manifestações, teias significativas que o imaginário social abriga juntamente com outros elementos, é proveniente de várias raízes, nem sempre de fácil discernimento e identificação das fontes de suas origens. (MORIGI, 2005, p. 3).

A música é um elemento bastante importante no episódio *Esquentão!*. Neste episódio, a já tradicional Roda de Samba do *Esquentão!* não toca samba, sim forró. Típico do nordeste brasileiro, o forró tornou-se conhecido fora da sua região de origem na década de 1950 com Luiz Gonzaga. O convidado Targino Gondim, sanfoneiro, acompanhado pela Roda, é o responsável por executar a os forrós de Gonzaga no programa. O forró se modernizou nos anos 1990, deixando de tratar apenas de temas do sertão e passando a falar em uma linguagem mais romântica, ligada ao cotidiano.

A personagem caipira, tradicional das festas juninas, aparece no programa na figura de Jeca Bento (personagem da Quadrilha da Providência) e no “caipira urbano” Genivaldo, o vendedor de pamonhas. Este caipira é semelhante ao *criollo*, citado por Martín-Barbero (2003) como o resultado de um processo de sobrevivência do popular na cidade e da mestiçagem do popular no urbano, “feito de humilhações e angústias, despossessões e reapropriações”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 320) Assemelham-se também ao *criollo*, os retirantes nordestinos que, no programa, aparecem brevemente, quando Regina Casé entrevista os clientes de uma agência de viagens especializada em levar os retirantes de volta ao Nordeste. Para estes, o espaço de sobrevivência do popular é representado pela Feira de São Cristóvão, o mais importante polo da cultura nordestina no Rio de Janeiro⁵⁰.

3.2.3 Grão-Pará

“E com vocês a nossa queridíssima Regina Casé!”. Assim começa o *Esquentão!* de 04 de março de 2012. Quem introduz a apresentadora é a cantora Joelma, da Banda Calypso, uma das convidadas do dia. Como de costume, Regina entra no palco pelo esquentódromo, ao som do *Samba da Regina*. A apresentadora começa o programa perguntando, em uma tentativa de interação com o telespectador, qual o cardápio do almoço daquele dia. Diz que deve ser “churrasco, essas coisas ‘bem normais’ e afirma que lá, no programa, não: “Hoje aqui é tacaca no tucupi [...], açaí. Tudo para ganhar muita energia, para sambar de verdade.” Fica implícito que o tema do episódio daquele dia é o Estado do Pará.

Regina Casé prossegue apresentando os convidados do dia: a sambista Beth Carvalho, as bandas Calypso e Uó, a cantora Gaby Amarantos, a atriz Dira Paes, a humorista Dadá Coelho e o “time da moda” composto pelo designer de calçados Fernando Pires, a crítica de

⁵⁰ Feira de São Cristóvão. Disponível em: <<http://www.feiradesaocristovao.org.br/>> Acesso em: 18 jun. 2015.

moda Lilian Pacce e o estilista André Lima. Também fazem parte do elenco do dia o humorista Fábio Porchat e Maíra e Camila, representantes do Morro do Cantagalo no programa. Neste dia, a roda de samba é composta por Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy e Luana Carvalho, filha de Beth. Os convidados estão sentados lado a lado, em mesas de bar. Representam o povo paraense no programa a Banda Calypso, Gaby Amarantos, Dira Paes e André Lima.

Após a apresentar os convidados e o elenco do programa, Regina fala do novo álbum de Beth Carvalho e pede para que a sambista cante *Arrasta a Sandália*, presente no disco. A apresentadora, então, pergunta se as convidadas gostariam de dançar e elas vão em direção ao palco para isso, bem como os demais convidados do programa e a plateia. Terminada a música, Regina comenta que sandália é um termo muito presente nos sambas e pede aos convidados que cantem trechos de outras músicas que tenham a palavra. Em seguida, a apresentadora questiona Joelma sobre o samba e pede que ela cante uma das músicas que mais gosta. A Banda Calypso entra no palco e toca o samba “Jurei não amar ninguém”, da banda Noite Ilustrada, para que Joelma cante. A música é tocada em ritmo de *techno brega*, característico da banda paraense e muito popular nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Regina Casé aborda o açaí, comida bastante popular em todo o país, mas consumida de forma diferente no Pará, onde é servido salgado, como afirma a paraense Lia, presente na plateia. Regina convida Dira Paes para comer uma porção de açaí, que comenta que o fruto é básico na alimentação dos paraenses, substituindo o feijão e o arroz. Para aproximar a ação da plateia, Regina convida um participante para experimentar o “açaí paraense”. “Quem pedir vai ter que comer todinho!”, diz a apresentadora. O participante escolhido aprova a apresentação do açaí e Regina diz que ele é um “cara refinado, de bom gosto”. Regina pede para que o operador de câmera mostre as crianças do elenco “com água na boca”.

Ainda falando sobre o açaí, mas em processo de transição de assunto, Regina chama ao centro do palco André Lima. Enquanto ele come açaí, a apresentadora conta um pouco da história de vida do estilista. Então, Regina e André chamam Chimbinha, da Banda Calypso, para falar sobre as lembranças musicais que eles têm da infância. O músico afirma que na época “só se ouvia rádios AM da Guiana Francesa e do Caribe” e André confirma, dizendo que “isso era normal”.

De forma bastante informal, Regina Casé afirma que Chimbinha, além de um grande guitarrista também é um ótimo cozinheiro. Para mostrar isso, Regina reativa a cozinha do *Esquenta!* para que o guitarrista cozinhe. Dira Paes, que se coloca como auxiliar do cozinheiro e explica aos convidados que no Pará existem pratos dos quais o período de

preparação pode durar até seis dias. No momento seguinte, cantora Gaby Amarantos entra no palco carregando uma caixa de isopor com alimentos típicos do Pará.

Regina pede, então, que Gaby introduza Dona Onete, uma compositora paraense conhecida na região Norte por cantar músicas de encantaria, uma religião afro-indígena brasileira. Para que o público compreenda do que se trata, Regina Casé explica que a encantaria é “tipo umbanda”, mas com as características indígenas mais fortes. Então, Gaby e Dona Onete cantam e dançam a música *Mestiça*, de autoria da cantora paraense. Ao fundo, percebe-se que o elenco de apoio dança.

Novamente há uma mudança de assunto. Regina chama o carrinho da *Biblioteca do Esquenta*, atração que estreou nesta temporada. O carrinho está adereçado com bandeirolas do Pará e tem muitos livros. Alguns convidados doam livros para a biblioteca.

Em mais uma troca de assunto, a apresentadora fala de um momento acontecido dias antes, onde Arlindo Cruz a chamou para ouvir samba sobre o time de futebol Botafogo, do qual além de Regina e Arlindo, Beth Carvalho, Dira Paes e uma parte da plateia são torcedores. Para cantar o samba, Regina chama alguns jogadores do Botafogo, presentes na plateia, e dá a eles uma bola de futebol. Enquanto Beth canta a música, Arlindo cita alguns jogadores ídolos do time. Ao final, os torcedores cantam o hino botafoguense. Assim termina o primeiro bloco do programa. Regina Casé convidando os telespectadores a permanecerem no canal, porque “no próximo bloco tem mais”.

O segundo bloco do programa inicia com a Banda Calypso cantando no seu ritmo característico a música *Ainda Bem*, de Marisa Monte. São mostrados na plateia alguns fãs com camisetas da banda, enquanto os convidados e o elenco dançam. Após a música, a Regina Casé fala sobre o techno brega e seus ritmos derivados, muito populares em Belém, capital do Pará. A apresentadora afirma que o ritmo “já saiu do Pará e está pronto para conquistar o mundo”. O assunto é abordado para introduzir a banda goiana Uó, conhecida por fazer versões de grandes sucessos internacionais em techno brega. A apresentadora questiona os músicos quanto a popularidade da música sertaneja em Goiás, os músicos afirmam que, apesar do que se imagina, o rock é muito popular em Goiânia e que a banda já fez muitos shows em festivais do estilo. Regina pede que a banda cante uma de suas músicas.

Após a música, Regina questiona a cantora Mel Gonçalves, sobre suas influências de estilo, que são todas dos anos 1980. Regina volta a questionar, desta vez o público, sobre se haviam reparado que a cantora é transexual. Os convidados e a plateia são surpreendidos. Neste momento, a apresentadora discursa sobre como o público teria sido preconceituoso em relação à Mel se, desde o início do programa ela tivesse sido apresentada como transexual.

Regina Casé também fala sobre preconceito musical, quando é são feitas suposições quanto ao gosto musical de diferentes regiões do país. Para demonstrar que não há preconceito, a Banda Uó canta um dos sucessos da Banda Calypso. Depois disso, a Banda Uó é questionada quanto ao samba. Os músicos afirmam que gostam do ritmo, que já teriam trabalhado tocando sambas. Então, reforçando que no programa não há preconceito, a Banda Uó canta o samba *Vou festejar* com Beth Carvalho e Arlindo Cruz.

Regina Casé passa, então a conversar com Beth Carvalho que fala do longo período por que passou, com sérios problemas de saúde. Beth faz piada da situação, dizendo que pensou em fazer um disco chamado “Na cama com Beth Carvalho”. Regina pergunta à sambista como conseguiu “aguentar aquela situação”. Beth afirma que foi “graças ao amor das pessoas e ao samba”. Beth afirma e Regina reforça que “o samba cura” e pedem ao público que aplaudam o samba. A apresentadora chama “a parte mais fofinha da família *Esquenta!*”, as crianças, para “tomar a benção” de Beth enquanto a sambista canta *Coisinha do Pai*. Terminada a música, entram no palco Mumuzinho e Douglas Silva apresentando o quadro de humor do episódio.

Novamente, há uma mudança no assunto. Agora, Regina Casé pede que a banda Calypso cante a música *Pra Me Conquistar*, enquanto todos os convidados dançam e Regina interage com a câmera. Após a música, a apresentadora comenta a baixa estatura da cantora Joelma, que usa botas com salto bastante alto. Regina senta-se ao lado do designer Fernando Pires, responsável pela criação das botas da cantora. Lilian Pacce comenta os figurinos de Gaby Amarantos e Joelma. Lílian afirma que ambos estão na moda, que a roupa usada por Joelma carrega muitas referências da marca francesa *Balmain*. Perguntada sobre a origem da roupa, Joelma afirma que foi criada por um estilista do Amapá.

Em seguida, Regina conversa com o *DJ* Assayag, principal referência do techno brega paraense, dono da maior aparelhagem – estruturas de som e luz usadas nas festas da periferia – de Belém. O *DJ* paraense toca acompanhado do *DJ* do *Esquenta!*, enquanto os convidados e o elenco dançam. A apresentadora compara a dança do passinho de funk com o “treme” do Techno brega e Gaby Amarantos explica a origem da dança. Regina comenta, após os convidados afirmarem não conhecer a dança: “coisa boa quando tem coisa nova no *Esquenta!*”, e convida todos a “treme”. É feito um novo intervalo comercial.

O terceiro e último bloco do programa inicia com a Banda Calypso cantando novamente, enquanto os convidados, elenco e plateia dançam. Foi montada no palco uma estrutura no palco em referência ao Mercado do Ver-o-Peso, mercado público de Belém. Os convidados paraenses mostram à apresentadora algumas frutas típicas do Norte. Chimbinha e

Joelma falam que, apesar das dificuldades vividas na infância, sentem muita saudade daquela época e amam muito o Pará. A sambista Beth Carvalho também diz amar o estado, pois vem de lá o compositor do seu primeiro sucesso, *Andança*. Os convidados cantam um trecho dessa música.

Regina e Beth voltam a falar disco inédito da sambista, que a apresentadora diz ser “muito popular, lindo, feminista e que enaltece a mulher”. Beth e Arlindo cantam o samba *Se Vira* e todos dançam novamente. Regina afirma ser bom ouvir Beth cantar sobre mulheres fortes, que isso a faz lembrar a personagem Celeste, vivida por Dira Paes na novela *Fina Estampa* (TV Globo, 2012), que após sofrer violência doméstica decide denunciar o marido. Dira fala dos depoimentos que ouviu nas ruas de pessoas que viveram situações semelhantes as da personagem. Regina retoma o episódio do programa *Central da Periferia* (2006) gravado em Recife (PE), onde Regina leu depoimentos de mulheres que, após sofrerem violência doméstica, se uniram e criaram um grupo de “apitaçõ” para denunciar os abusadores. É apresentado um projeto semelhante, o Movimento do Abraço, criado no Rio de Janeiro com intuito de fortalecer mulheres para que melhorem suas vidas, lutando contra a violência doméstica. Regina encerra o programa afirmando que essas mulheres que em algum momento já sofreram violência doméstica não são coitadas, sim fortes, guerreiras, corajosas e vitoriosas. O programa termina com Beth Carvalho, Arlindo Cruz e Gaby Amarantos cantando novamente o samba *Vou Festejar*, enquanto todos os convidados dançam.

Os principais elementos analisados no episódio podem ser vistos no quadro 4.

QUADRO 4 – Elementos analisados no episódio da 2ª temporada

| Análise do episódio 3 | | |
|------------------------------|----------------|--|
| Elementos formais | Cenário | Semelhante ao da primeira temporada, com mais cores, e telões. |
| | Figurino | Regina – terno verde e amarelo. Bailarinos – trajes indígenas. Crianças – meninas usam vestidos que lembram uma flor; meninos com roupas comuns. Auxiliares de palco – roupas comuns. |
| | Convidados | Músicais: Banda Calypso, Beth Carvalho, Gaby Amarantos e Banda Uó. Dira Paes, Dadá Coelho. Fernando Pires, Lilian Pacce e André Lima. |
| Elementos temáticos | Estado do Pará | |
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Culinária típica paraense, Açai (diferenças no consumo Norte x Sudeste), mercado Ver-o-Peso, calipso, <i>techno</i> brega, som de aparelhagem, moda. |
| | Músicas | Nosso amor é preto e branco (Roda de Samba); Arrasta a Sandália (Beth Carvalho); Sandália de prata (Beth Carvalho); Vou festejar (Beth Carvalho); Coisinha do pai (Beth Carvalho); Andança (Beth Carvalho); Se vira (Beth Carvalho); Jurei não amar ninguém (Banda Calypso); Ainda bem (Banda Calypso versão); Pra me conquistar (Banda Calypso); Mestiça (Gaby Amarantos e Dona Onete); Shake de amor (Banda Uó); aparelhagem <i>techno</i> brega (Dj Assayag). |

Fonte: Dados de pesquisa.

Os episódios da segunda temporada não tinham temas definidos, e excepcionalmente algum episódio era temático. Quando isso acontecia, era em homenagem alguém ou a algum lugar, como foi o caso deste episódio, em homenagem ao Estado do Pará. A cultura regional paraense é o principal elemento deste episódio do *Esquenta!*. Ela vem representada em alguns dos convidados, na música e na culinária típica.

O Pará é o segundo maior estado do território brasileiro. Ao longo de sua história, o estado teve diversos ciclos migratórios que ajudaram na diversificação de sua cultura. Além dos índios e caboclos amazônicos, o estado recebeu imigrantes portugueses, franceses, italianos, libaneses, japoneses e também, imigrantes vindos de outros lugares do Brasil, principalmente dos estados do sul e do nordeste. Apesar da diversidade cultural que tem o estado, este episódio do *Esquenta!* evidencia apenas a música e a culinária paraense.

A música paraense é representada neste episódio pelos ritmos brega e *techno* brega. Segundo Maia (2011), foi a partir dos anos 1960 que o brega se constituiu como importante produto cultural do Pará, em especial na capital, Belém. O ritmo surgiu da mistura de produtos da indústria musical brasileira com o calipso caribenho e se firmou nos anos 1980, com o surgimento de produtores musicais e gravadoras locais no estado, que gravavam e distribuíam os *long-plays* nas rádios de Belém. (MAIA, 2011)

A conversa entre a apresentadora Regina Casé, Chimbinha (Banda Calypso) e André Lima, mostrou como a música caribenha pertencia a cultura massiva do Pará desde antes do surgimento do brega. Na conversa, André e Chimbinha falam de como era normal ouvir rádios da Guiana e de países do Caribe. Martín-Barbero (2003) afirma que o rádio tem a capacidade de mediar o popular ao captar a “densidade e a diversidade de condições de existência do popular”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 328) Neste caso, devido à ausência de rádios locais, os nativos buscavam as rádios do Caribe, fazendo com que a população, a partir das referências de cultura popular paraense fosse aos poucos mesclando os seus elementos aos produtos musicais massivos caribenhos criando assim, o massivo paraense: o brega. No episódio analisado a Banda Calypso traz ao palco do programa o brega, seu ritmo característico, em composições próprias e mesclados a produtos culturais massivos da música brasileira, ao fazer versões de músicas da MPB e de sambas tradicionais.

A cantora Gaby Amarantos e o DJ Assayag trazem o *techno* brega para o palco do *Esquenta!*. O ritmo surgiu nos anos 2000, da união da música brega (e diversos outros ritmos paraenses) com a música eletrônica. O acesso a computadores domésticos foi ferramenta fundamental para o surgimento e a difusão do gênero. “Mais recentemente, vieram o

cybertecnobrega e o *bregamelody*, todos influenciados pela música eletrônica, que circula mundialmente na web.” (LEMOS; CASTRO, 2008, p 21-22).

O *tecnobrega* é o maior exemplo do popular massivo no Pará. Segundo Lemos e Castro (2008), o mercado do *tecnobrega* gira em torno das festas de aparelhagens, que contam com gigantescos equipamentos de som, iluminação e efeitos visuais. As festas também são uma forma de difusão de novas músicas e prováveis sucessos, pois os DJs recebem os lançamentos dos produtores e divulgam as novidades nas festas. Normalmente, a divulgação das músicas cresce pela reprodução não autorizada dos discos, apoiada pelos músicos, devido ao aumento na publicidade. Gaby Amarantos e o DJ Assayag são dois resultados dessa divulgação clandestina. Ela foi uma das precursoras do *tecnobrega*, com a banda Techno Show, já ele é representante da nova geração das aparelhagens.

Na sua participação no *Esquenta!* Gaby também resgata outro gênero musical paraense: o carimbó – música e dança indígena, muito popular entre os caboclos do Pará, Amazonas e Maranhão. Esse resgate acontece com a presença de Dona Onete que, juntamente com Gaby, canta uma de suas músicas. Dona Onete é uma típica cabocla paraense que uniu a cultura cabocla, a oralidade que vivenciou ao som moderno feito por jovens, ressignificando a cultura popular paraense em um produto massivo. (CAMPELO, 2011)

3.2.4 *Esquenta! na Escola*

O episódio de 6 de outubro de 2013 começa com Regina Casé entrando no palco ao som da música tema do programa. Cercada por crianças vestidas com becas, ela desce a rampa que faz parte do cenário. O tema do episódio é a escola. Esta temática justifica-se pela proximidade com o Dia do Professor, que acontece em 15 de outubro. Regina diz que, naquele dia, o *Esquenta!* vai ser uma sala de aula com alunos e professores e faz a “chamada”, para apresentar os convidados: a jornalista Fátima Bernardes, a banda Fresno e o músico Arnaldo Antunes.

Para iniciar a apresentação do programa, Regina Casé pergunta se algum dos convidados trouxe lembranças do tempo da escola e Fátima Bernardes mostra o uniforme escolar que usava aos 10 anos. A apresentadora pede licença e pega a peça de roupa para mostra-la para a plateia, localizada no lado oposto ao que Fátima está. Já Mário, tecladista da banda Fresno, trouxe um boletim - repleto de notas altas - e algumas fotos antigas. Nas fotos

aparecem outros integrantes da banda, formada em uma escola. Regina faz uma breve entrevista com Lucas, também da Fresno, sobre a origem da banda.

Mantendo-se no assunto escola, Regina questiona a Arnaldo Antunes sobre como ele começou a compor, o músico afirma que foi nas aulas de português e redação. Então, é mostrada no telão do cenário uma foto de Arnaldo ainda criança. Também é mostrada uma foto de Arlindo Cruz na escola. Regina Casé comenta que o músico e a apresentadora Fátima Bernardes estudaram na mesma escola. Na plateia, estão presentes alunos desta escola.

O primeiro musical do episódio surge a partir de um pedido de Regina Casé para que os componentes da roda de samba cantem músicas que falem de escola. O grupo canta – Arnaldo Antunes os acompanha – as músicas *O Caderninho*, *Antes de Dizer Adeus* e *Malandragem*.

Então, Regina Casé diz que chamará “um aluno para tomar uma dura, pois era da turma do fundão, um bagunceiro”. O aluno é o ator Malvino Salvador, convidado que não foi apresentado no início do programa. O ator e a apresentadora conversam sobre a vida escolar e universitária de Malvino, que na escola não foi bom aluno por não se enquadrar no “estilo tradicional de educação”, porém na faculdade fora um ótimo aluno. A apresentadora mostra o boletim do ator, “cheio de notas 10.” Regina pede ao ator que sente no sofá, acompanhando os demais convidados, e introduz a segunda atração musical do dia, a banda Fresno, que sobe ao “palco biblioteca” para cantar.

Regina passa a conversar com Arnaldo Antunes sobre a banda Titãs, da qual ele é um dos fundadores. A banda também foi criada em um colégio que incentivava ações culturais. Arnaldo e Regina comentam que o apresentador Serginho Groisman, do programa Altas Horas da TV Globo, também estudou no mesmo colégio, onde era responsável pela produção cultural. Arnaldo diz ter assistido shows, organizados por Serginho, dos sambistas Nelson Cavaquinho, Cartola, Clementina de Jesus e Elton Medeiros. Então, Regina pede que sejam exibidas no telão imagens de Arnaldo Antunes, quando integrante da banda Titãs, “em um programa muito parecido com esse (*Esquenta!*)”. As imagens são de 1987, no programa *Cassino do Chacrinha*. Após exibido o vídeo, a apresentadora pede aos convidados e ao elenco que cantem músicas de autoria de Arnaldo Antunes. Fátima Bernardes canta *Comida*, gravada pelos Titãs; Lucas sugere *Já sei namorar*, do grupo Tribalistas (formado por Arnaldo, Marisa Monte e Carlinhos Brown) e é acompanhado público enquanto canta. Letícia (Lelê), uma das crianças integrantes do elenco do programa, canta *Velha Infância*, também dos Tribalistas. Ao final, Regina pede que Lelê abrace Arnaldo, pois ela “é o top abraço do mundo”. Após o abraço, a apresentadora pede que o músico se sinta em casa e cante a música

A casa é sua. Enquanto Arnaldo canta e circula pelo cenário, o elenco de apoio e os convidados dançam.

Regina Casé mostra, no telão, o boletim escolar de Fatima Bernardes. O comentarista Zé Marcelo tem uma cópia do mesmo documento em mãos e comenta o a quantidade de “notas 10”, Fátima justifica, dizendo que era boa aluna no início do ano, porém com o decorrer do tempo “relaxava”. A apresentadora conversa com Fátima sobre o período em que ela foi bailarina e professora de dança. Regina pede à banda do programa que toque “bateria arrebenta” para Fátima “mostrar que sabe” sambar.

Mudando novamente de assunto, Regina chama ao palco a menina Maria Flor, filha de Douglas Silva, e pede que ela mande um beijo para a plateia. A seguir, Regina fala que conheceu Douglas quando ele tinha idade a da filha e que sente orgulho dele que, além de ser um ótimo ator, está se tornando músico incrível. Tudo isso é falado para introduzir o grupo Soul + Samba, do qual Douglas é vocalista. A apresentadora pede que o grupo cante uma música do seu repertório e, enquanto isso, um grupo de fãs desce da plateia para o palco e dança. Assim, encerra-se o primeiro bloco.

O segundo bloco do programa inicia com Arnaldo Antunes cantando e dançando. O elenco também dança e os componentes da roda de samba assistem a apresentação. Em seguida, Regina Casé volta a conversar com Fátima Bernardes, desta vez sobre sua carreira, inicialmente como bailarina e depois como jornalista. É mostrado no telão o clipe da música *Dia Nascer Feliz*, da banda Barão Vermelho exibido em 1983 no Fantástico, onde Fátima é uma das bailarinas. Regina questiona Fátima quanto a sua carreira como jornalista e ela afirma nunca ter imaginado alcançar tamanho sucesso. Fátima esteve por quatorze anos à frente do Jornal Nacional e foi muito cobrada quanto a sua posição, já novo programa tem mais liberdade. Regina, então, chama o menino Vitor e pede que ele ensine a Fátima alguns passos de dança. Ela o acompanha, imitando os passos feitos pelo menino.

Trocando de assunto, Regina pede a Arnaldo cante *Saiba*, que cantando, circula pelo palco até sentar-se rodeado pelas crianças do elenco. O comentarista Zé Marcelo pede a fala, dizendo que aquela música é “o mais belo e perfeito manifesto humanista” que conhece. Regina concorda. Percebe-se a presença na plateia de alunos da rede pública do Rio de Janeiro.

Regina Casé chama ao palco Jonilda Alves Ferreira, professora de matemática da rede pública da cidade de Paulista (PB). A escola simples onde Jonilda é professora, se tornou um polo de jovens matemáticos, conquistando diversas medalhas na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). São mostradas no telão fotos dos alunos

vencedores das OBMEP. Regina elogia a iniciativa da professora e Zé Marcelo fala da importância da educação para quebrar o ciclo de reprodução de desigualdades. Fátima Bernardes fala que a motivação dos professores em ensinar é mais importante para o ensino do que grandes tecnologias. Regina apresenta Anderson, o filho da professora, e a colega Míriam. O menino fala que desde muito pequeno já aprende matemática com a mãe, já a menina, que tinha “pavor” de matemática, afirma que superou as dificuldades que tinha graças às diferentes formas com que a professora transmite o conteúdo. A apresentadora pede aplausos aos convidados. Em seguida, acontece um esquete de humor com Luane, Mumuzinho e Malvino Salvador.

Regina Casé pergunta a Lucas, da banda Fresno, se gosta de samba. O músico “confessa” que teve uma banda de pagode com a família e Regina pede que ele cante um samba, a música escolhida é *Domingo*. Os componentes da roda de samba acompanham Lucas enquanto os demais convidados dançam. Em seguida, a apresentadora questiona Arnaldo quanto a sua relação com o samba. O músico fala das referências musicais que teve na família, que é difícil fugir do samba no Brasil. Regina pede a Arnaldo que cante a versão pop rock feita por ele do samba *Vou Festejar*, de Jorge Aragão. Novamente a roda de samba acompanha o cantor. Acontece a primeira ação de *merchandising* do episódio e ela encerra este bloco do episódio.

O terceiro bloco do programa inicia com a banda Fresno cantando, enquanto o elenco e os convidados dançam. Logo depois, Regina pede ao grupo Soul + Samba que cante a música *Esse Papo é Pra Você*. O elenco, fãs da banda, a plateia e os convidados dançam. Ocorre então, a segunda ação *merchandising* do episódio.

Regina Casé volta a conversar com Fátima Bernardes, que estudou em um colégio público. É mostrada no telão uma foto da turma em que a jornalista estudou, todas vestem uniformes. Fátima conversa com alunas do mesmo colégio sobre as mudanças que ocorreram nos uniformes desde a sua época. Regina pede a Fátima que procure pessoas conhecidas na plateia e a jornalista reconhece uma ex-colega. Em coro, Arlindo Cruz e Péricles dizem “o que o mundo separa o esquentado junta”, um dos lemas do programa. Fátima e a colega, que não se viam há 35 anos, se emocionam. Em homenagem a elas, a apresentadora pede aplausos aos alunos de três colégios públicos cariocas que estão na plateia.

Regina apresenta a professora Marilda, senhora idosa, que trabalhou na indústria petroquímica e, depois de aposentada, passou a alfabetizar adultos. São chamadas três alunas de Marilda, todas com mais de 35 anos. A apresentadora conversa com as três mulheres, que

contam suas histórias de vida – vieram para o Rio de Janeiro para trabalhar, não tiveram oportunidades de estudar e estão sendo alfabetizadas, conciliando os estudos com o trabalho.

O assunto é trocado, Regina passa a conversar com Arnaldo Antunes sobre os livros “As Coisas” e “Frases do Tomé aos três anos”, escritos por ele. O músico apresenta outros livros também escritos por ele e recita o poema “Pensamento”, do livro “Tudos”.

Novamente o assunto é trocado, inicia-se o quadro Calourão. Regina chama para participar do quadro três professores que ensinam suas disciplinas a partir de versões de músicas famosas. Enquanto cada um dos professores canta, o elenco de apoio dança. Fátima Bernardes e a professora Jonilda são as juradas, convidadas a julgar o professor com a melhor apresentação. Ao vencedor são entregues prêmios.

Regina elogia os professores pelo trabalho que fazem. A apresentadora compara os professores ao samba dizendo que, assim como o samba cura, também ensina e pede que seja cantado o samba enredo da escola Império Serrano no carnaval de 1964: *Aquarela Brasileira*. Enquanto a música toda e os convidados dançam, Regina Casé encerra o programa.

A partir da análise, pudemos sintetizar os elementos deste episódio do *Esquenta!* no quadro 5.

QUADRO 5 – Elementos analisados no episódio da 3ª temporada

| Análise do episódio 4 | | |
|------------------------------|------------|---|
| Elementos formais | Cenário | Estúdio maior, com “piscina”. Decorado com letras, números e livros. Paredes do palco lembram estantes de uma biblioteca. |
| | Figurino | Regina – terno estampado com letras e números e óculos de grau; Crianças – Beca; Bailarinos(as) – Uniformes escolares; Elenco – Uniforme de animadoras de torcida (<i>cheeleaders</i>); Auxiliares de palco – saia e <i>blazer</i> , lembrando “professoras”; Luane e Natália – Uniformes de “normalistas”. |
| | Convidados | Arnaldo Antunes, Fresno, Soul+Samba, Fátima Bernardes e Malvino Salvador (ator). |
| Elementos temáticos | Escola | |
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Tempo de escola, boletins, música na escola, bom aluno x mau aluno, reencontro com amigos da escola, professores exemplares, alfabetização de adultos. |
| | Músicas | O caderninho (Roda de Samba); Antes de dizer adeus (Roda de Samba); Malandragem (Roda de Samba); Aquarela Brasileira (Roda de Samba); Desde quando você se foi (Fresno); Domingo (Fresno), Maior que as muralhas (Fresno); A Casa É Sua (Arnaldo Antunes); Ela é Tarja Preta (Arnaldo Antunes); Saiba (Arnaldo Antunes); Vou Festejar (Arnaldo Antunes); Rebolado da Nêga (Soul + Samba); Esse papo é pra você (Soul + Samba) |

Fonte: Dados de pesquisa.

Este episódio do *Esquenta!* teve seu tema definido devido à proximidade do dia de exibição (seis de outubro) ao Dias dos Professores, que acontece em 15 de outubro, e se

destaca por não ter características populares, como é de costume na escolha dos temas do programa. Tudo nesse episódio convergia para a Escola: a decoração do cenário, os figurinos os convidados, que a primeira vista pareciam não ter conexão com o tema proposto. Esta relação pode ser percebida no decorrer do episódio.

Os figurinos usados pelo elenco são exemplo da vivência mundializada (ORTIZ, 1996), pois neles são reunidas referências à escola, especialmente aos uniformes escolares, no mundo. Percebemos essa mundialização nos figurinos usados pelos auxiliares de palco e bailarinos. As mulheres usavam roupas semelhantes às usadas pelas animadoras de torcidas (*cheerleaders*) norte-americanas e os homens, vestiam uniformes semelhantes ao usados por jogadores de futebol americano de nível escolar. As crianças usavam beca, traje popularmente conhecido pelo seu uso em cerimônias de colação de grau universitário (figura 4). Luane e Natália, integrantes do elenco fixo do programa, usavam roupas que remetiam aos uniformes usados pelas “normalistas”.

FIGURA 4 – Trajes mundializados no episódio analisado da terceira temporada



Fonte: Dados de pesquisa.

Através da análise percebemos que esse episódio mostrou pouca aproximação com elementos do popular-massivo. Creditamos isso ao tema, que por ser bastante generalista abriu espaços para outros assuntos, sem ater-se ao popular dentro do ambiente escolar.

3.2.5 Batuque na cozinha a sinhá quer, sim!

O episódio de 17 de agosto de 2014 começa com todos cantando *Batuque na Cozinha a Sinhá Não Quer*, de Martinho da Vila, e enquanto cantam, “batucam” com colheres em panelas. A festa do *Esquenta!* daquele dia é na cozinha, lugar da casa onde, segundo Regina,

tudo acontece. Os convidados são: a banda Onze:20, os *rappers* Capicua e Vinícius Terra, o *chef de cuisine* francês Claude Troisgros, os atores Caio Blat e Maria Ribeiro e o grupo Turma do Pagode.

Os primeiros convidados com quem a apresentadora conversa são Caio e Maria, ele já esteve no programa em um episódio da temporada anterior, ela vem pela primeira vez e está muito feliz por isso. Os atores são casados na vida real e também na ficção, na novela Império (2014/15), de Aguinaldo Silva. Regina pergunta a Maria se Caio cozinha e ela confirma. Ele complementa dizendo que eles têm uma parceria perfeita, pois ele gosta cozinhar e ela de comer. Para demonstrar a importância que a cozinha tem para eles, Regina comenta sobre a casa em que o casal vive, onde a cozinha é centralizada. A apresentadora chama, então Lezinho, vocalista do grupo Turma do Pagode e questiona ele sobre a importância da cozinha na casa. Os quatro comentam que há dois momentos importantes nas festas caseiras: a preparação e o final, ambos costumam acontecer na cozinha e envolvem apenas os amigos íntimos, a “diretoria”, como diz Regina Casé. A apresentadora que pede ao grupo que cante uma música do seu repertório.

Regina Casé comenta o livro “Formação Da Culinária Brasileira”, de Carlos Alberto Dória, no qual o sociólogo diz que o tempero mais importante da cozinha brasileira é a liberdade, pois foi após abolição dos escravos que os sabores trazidos por negros, brancos e índios se misturaram para formar o que conhecemos como culinária brasileira. A apresentadora pede aos telespectadores que publiquem no site do programa o cardápio do almoço daquele domingo. O “cabeçudo” Alê Youssef doa uma cópia do livro de Dória para biblioteca do *Esquentar!*.

Seguindo no assunto da liberdade na cozinha, Regina chama ao centro do palco Claude Troisgros, *chef* francês que está há 35 anos no Brasil. Claude foi um dos primeiros *chefs* a misturar as culinárias francesa e brasileira. Para o francês, os *chefs* brasileiros são admiráveis, fazem a cozinha moderna e estão impressionando os demais cozinheiros estrangeiros com o seu jeito de cozinhar. Regina pergunta a Claude quais características brasileiras ele tem, depois de tantos anos morando no país. O *chef* diz que o Brasil país da alegria, que ele mesmo é muito alegre. Comentam, então, da dificuldade de Claude em pronunciar algumas palavras em português.

Como o episódio do dia é centralizado na cozinha, Regina informa que os componentes da roda de samba serão os responsáveis pelo almoço. Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Xandy de Pilares e Péricles cozinharão e terão seus pratos avaliados por Claude, Maria e Caio. Arlindo e Leandro farão um prato criado por Arlindo: macarrão a lampião, feito

com carne seca. Já Xandy e Péricles cozinharão de risoto de camarão. As duas duplas usam aventais de tecido xadrez, com estampa da marca do *Esquenta!*. São chamadas duas convidadas da plateia para ajudar os cozinheiros. Regina Casé informa que, ao final do desafio, a receita vencedora será publicada no site do programa.

A apresentadora, então convida Leandro Sapucahy a montar uma banda, pergunta ao músico qual o horário em que começa o programa. Meio-dia e meia, responde ele. Então, ela afirma que “meio-dia e meia” será o nome da banda. A conversa aparentemente sem sentido, é usada para introduzir a banda Onze:20. O vocalista conta para o público que o nome da banda surgiu quando um dos componentes olhou no relógio e disse o horário que marcava: 11h20. Assim, foi escolhido o nome da banda. Formada por mineiros, a Onze:20 define a música que fazem como “roots rock reggae”. Regina pede que banda cante a música *Meu Lugar*. A plateia e os convidados dançam e cantam. Regina, como se estivesse conversando com o telespectador, sugere que entrem no site do programa os que quiserem aprender a cantar a música. Assim, é encerrado o primeiro bloco do episódio.

É exibida, então, a nova vinheta abertura nova. Bastante diferente da usada nas temporadas anteriores, a abertura é mais moderna, mescla animações e *live-action*⁵¹, e continua usando cores contrastantes, como pode ser percebido na figura 5. A vinheta continua tendo o *Samba da Regina* como música tema.

FIGURA 5 – Trechos da abertura da 4ª temporada de 2014 do programa



Fonte: Abertura *Esquenta!* (2014) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XxLDQjPcg1s>>

O segundo bloco do programa começa com o grupo Turma do Pagode cantando, enquanto o elenco dança e convidados “batucam” com talheres em panelas. Arlindo, Leandro, Xandy e Péricles continuam cozinhando.

Regina Casé resgata o episódio do programa Central da Periferia, gravado em 2006, onde a apresentadora conheceu os músicos da Turma do Pagode. Na época, o grupo nunca tinha aparecido na mídia nacional, faziam sucesso apenas nas periferias. São exibidos trechos

⁵¹ *Live-Action* – trabalhos de televisão e cinema que são realizados por atores, ao contrário das animações digitais.

do programa gravado na favela de Heliópolis, São Paulo. Voltando à temática do programa, Regina pergunta ao grupo quem deles cozinha e se “assaltam a geladeira na madrugada”. A apresentadora estende a pergunta à banda Onze:20, aos músicos da roda de samba e ao humorista Luís Lobianco. Regina pede ao grupo Turma do Pagode que cante uma música do seu repertório. Todos os convidados dançam e algumas crianças tocam pandeiros.

Afirmando que no *Esquenta!* todos adoram novidades, Regina Casé chama ao palco os *rappers* Vinícius Terra e Capicua⁵², apelido da portuguesa Ana Matos Fernandes, que se conheceram em um festival de músicas em Portugal. Segundo a dupla, o *rap* é o ritmo que une os oito países lusófonos, pois o *rap* vive da rima e o português é “uma boa língua pra rimar”. Regina afirma que o *rap* quebra preconceitos, pois Capicua não faz parte do estereótipo *rapper*, por ser branca. Alê Youssef fala da propriedade com que a *rapper*, que é socióloga e se intitula MC Militante, trata das questões sociais em suas rimas. O colaborador conclui sua participação falando de como é interessante ver que tanto de um jeito social, quanto de um jeito comportamental o *hip hop* e o *rap* são universais na luta por melhores condições de vida. Regina pede que a dupla cante *Versos Que Atravessam O Atlântico*, música que mistura o *rap* com o tradicional fado português.

Todos que estão na plateia trouxeram panelas para batucar. Claude Troisgros também trouxe uma, que marca a sua chegada ao Brasil em 1979. Regina conversa, então com Roberto Bronze, que está na plateia. Ele trouxe uma panela muito grande, usada para cozinhar sopas que são distribuídas para a população de carente de Niterói, Rio de Janeiro. Roberto fala que, mais importante que distribuir a sopa, é necessário dar atenção àquelas pessoas, pra que deixem de ser invisíveis para a sociedade. Regina pede que o público aplauda a iniciativa de Roberto. Em seguida, a banda Onze:20 canta uma de suas músicas. Acontece uma ação de *merchandising*.

Mudando de assunto, Regina Casé chama novamente ao palco o casal de atores Caio Blat e Maria Ribeiro para conversar sobre Danielle e José Pedro, personagens interpretadas por eles na novela. Além de atuar na novela, o casal tem projetos que envolvem o cinema. Caio, em parceria com o Ponto Cine – sala de cinema popular, localizada no bairro de Guadalupe, Rio de Janeiro – pretende expandir o projeto abrindo uma sala de cinema na comunidade da Rocinha, também no Rio de Janeiro. Já Maria, tem atuado como cineasta. Dirigiu o documentário “Domingos” sobre o ator e também cineasta Domingos de Oliveira e, mais recentemente, o documentário “Los Hermanos – Esse é Só o Começo do Fim da Nossa

⁵² CAPICUA. Biografia. Disponível em <<http://www.capicua.pt/capicua>> Acesso em: 10 nov.2014

Vida”, sobre a banda carioca. Regina Casé, para contextualizar a conversa com o *Esquenta!*, chama ao palco Xandy de Pílares, componente da roda de samba do programa. O sambista canta, acompanhado por Douglas Silva, a música *O Vencedor*, da banda Los Hermanos, em ritmo de samba. Regina relembra, então, uma cena da série *Cidade dos Homens* (2003), da qual Douglas participava. Enquanto cantam, o elenco dança e alguns convidados “batucam” em panelas. É encerrado o segundo bloco do *Esquenta!*.

O terceiro bloco inicia com o grupo Turma do Pagode cantando novamente. O grupo é acompanhado pela roda de samba. O elenco e crianças dançam, enquanto o público bate palmas. Após a apresentação, Regina chama ao palco os “cozinheiros” para escolha dos melhores pratos, preparados pelos sambistas. Claude Troisgros avalia os pratos e os experimenta. Maria Ribeiro e Caio Blat também provam. Os jurados fazem críticas e dão notas aos pratos. A apresentadora anuncia a receita de Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy como a vencedora, e que estará disponível no site do programa. Regina pede uma salva de palmas para as ajudantes dos músicos-cozinheiros.

Claude serve para os convidados dois pratos criados por ele: *carpaccio* de melancia, e caviar. Regina brinca dizendo que naquele diz “a cozinha tá (sic) de alto nível, tem até caviar”. Regina explica ao público o que é caviar, e as razões de ter preço tão alto. Claude comenta que o caviar, na verdade, é feito de sagu temperado com molho de soja. Mumuzinho começa a cantar *Caviar*, de Zeca Pagodinho, e é acompanhado pelos componentes da roda e do grupo Turma do Pagode. O público bate palmas e batuca nas panelas, o elenco e os convidados dançam.

Mantendo-se na temática cozinha, Regina Casé fala sobre crianças que só se alimentam com as refeições servidas nas escolas. Merendeiras, responsáveis pelas refeições em escolas públicas do Rio de Janeiro são chamadas ao palco, elas participarão do quadro “Calorão”, onde deverão cantar uma música. A que for considerada melhor, ganhará um prêmio. As três merendeiras chamadas ao palco dão depoimentos sobre o trabalho que fazem e em seguida cantam.

Regina Casé chama ao palco o ator Jean Amorim, para contar “histórias de gente que corre atrás”. O ator, nascido em uma comunidade carente de Salvador (BA) fala das dificuldades de vida que teve na infância e da ajuda que recebeu do Projeto Axé. Jean frequentou o projeto durante a infância e adolescência e lá, foi selecionado para atuar como Pedro Bala, protagonista do filme “Capitães de Areia”. Regina pede uma salva de palmas para o ator. São apresentados o fundador do projeto, Marcos Cândido, e outros alunos atendidos pelo Axé. Os jovens dão depoimentos sobre suas vidas, a importância do projeto e seus planos

para o futuro. Percebe-se que Vitinho, vocalista da banda Onze:20, está emocionado com os depoimentos, pois também teve uma infância pobre. Então, Regina Casé relembra a primeira vez em que foi no Axé, a precariedade em que se encontravam as crianças, da “fraqueza” que sentiu ao ver aquela situação e elogia os educadores do projeto, que não desistiam de melhorar a vida daquelas crianças. A apresentadora fala que o Projeto Axé, um dos projetos sociais apoiados pelo Criança Esperança, campanha de mobilização social promovida pela TV Globo. A fala é seguida pelo tradicional pedido de doações ao projeto. Regina ainda faz uma *selfie*⁵³ para o Álbum de Figurinhas do projeto Criança Esperança, aplicativo de smartphone lançado durante a campanha. Alunos do Projeto Axé entram no palco para cantar e dançar.

O programa é encerrado com Regina Casé retomando o tema do episódio ao pedir para a roda de samba e os convidados que cantem músicas “sobre o lugar onde o samba sempre morou”: a cozinha.

Os principais elementos deste episódio encontram-se no quadro 6, abaixo.

QUADRO 6 – Elementos analisados no episódio da temporada 2014

| Análise do episódio 5 | | |
|------------------------------|-----------------------|--|
| Elementos formais | Cenário | Cenário novo, com dois sofás frente a frente, bastante tecnologia (telões). A decoração muda a cada domingo. Neste episódio, os elementos decorativos remetem à cozinha, com talheres, “pinguins de geladeira”, panelas, fôrmas e outros utensílios de cozinha. Chão do palco estampado com talheres. Há também duas bancadas de cozinha. |
| | Figurino | Regina – Terno branco com estampa de pimentas. Auxiliares de palco – dólmas ⁵⁴ com utensílios de cozinha (colheres, rolo de massa) nos bolsos. Algumas usam vestido e avental xadrez. Crianças – Meninas com vestidos com estampas de legumes e frutas, xadrez em tons de vermelho, verde, preto e branco. Meninos usam aventais xadrez por cima de roupas comuns. |
| | Convidados | Onze:20, Capicua e Vinícius Terra (rappers), Claude Troisgros, Caio Blat, Maria Ribeiro e Turma do Pagode |
| Elementos temáticos | Cozinha e gastronomia | |
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Cozinha como espaço agregador, diversidade gastronômica, cozinha solidária, fome como problema social, merenda escolar. |
| | Músicas | Batuque na cozinha a Sinhá Não Quer (Roda de Samba); O Vencedor (Roda de Samba); Caviar (Roda de Samba); Pente Rala (Turma do Pagode); Melhor Amigo (Turma do Pagode); A Gente Tem Tudo a Ver (Turma do Pagode); Louco Por Você (Turma do Pagode); Meu Lugar (Onze:20); Pra você (Onze:20); Versos que Atravessam o Atlântico (Capicua e Vinícius Terra); Alegria da Cidade (Projeto Axé). |

Fonte: Dados de pesquisa.

⁵³ Selfie – tipo de autorretrato, normalmente feita com uma câmera digital ou câmera de smartphone.

⁵⁴ Dólmas – túnica tradicionalmente usada por cozinheiros.

Esta é a primeira das temporadas a ter declaradamente um tema por episódio. Neste, a cozinha é tratada como o espaço da casa em que as famílias se reúnem e onde são passados e perpetuados os traços culturais da alimentação.

No episódio, a apresentadora Regina Casé questiona os convidados quanto a importância da cozinha (espaço da casa) nas suas vidas. Todos afirmam que é o local mais importante de suas casas. Também falam que há certas comidas que são preparadas somente quando se está num determinado local, com determinado grupo de pessoas, em situações “especiais”. Para Braga (2004) o que se come, quando, onde, com quem, por que e por quem é determinado culturalmente e isso transforma o alimento (nutrição) em comida (símbolo).

A liberdade que há na cozinha brasileira hoje é atribuída, no programa, à mestiçagem cultural que tem o Brasil. Para exemplificar essa liberdade, a Regina Casé conversa com o *chef* francês Claude Troisgros. São servidos para o público dois pratos que não fazem parte da culinária popular brasileira. Segundo Braga (2004) a cultura alimentar de um povo é constituída pelos hábitos alimentares em um domínio em que a tradição e a inovação têm a mesma importância. Os pratos servidos por Claude são adaptações de comidas estrangeiras à oferta de alimentos brasileira, ou seja, duas tradições são ressignificadas para que possam ser incluídas em uma cultura alimentar diferente. A autora afirma que a cultura alimentar é tudo aquilo que dá sentido às escolhas e aos hábitos alimentares. Sejam estas escolhas “modernas ou tradicionais, o comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido que conferimos a nós mesmos e à nossa identidade.” (BRAGA, 2004, p 39).

Na cultura popular, a invenção de saberes culinários não é “da ordem da autoria. Autoria é um conceito moderno que designa concepção como propriedade intelectual e impõe direitos sobre usos do conhecimento produzido”. (GUSHIKEN et al, 2013, p67) Popularmente, esses saberes culinários são transmitido solidariamente, sem a carga formal que há nas transmissões culturais de pai para filho, por exemplo. Segundo Gushiken et al (2013), o circuito de transmissão dos saberes culinários é restrito a laços simbólicos que dão a ideia de uma comunidade.

3.2.6 *O que o mundo separa, o Esquentar! junta: elementos do popular massivo*

Realizaremos aqui, a análise dos principais elementos do popular massivo encontrados nos cinco episódios selecionados no programa *Esquentar!*. A síntese está organizada em

quadros, de forma a facilitar a visualização dos elementos e a surtir comparação entre os episódios.

Trazemos o quadro abaixo (quadro 7) com o resumo dos elementos temáticos do popular massivo analisados nos episódios do *Esquenta!*.

QUADRO 7 – Elementos temáticos do popular massivo no *Esquenta!*

| | Episódio 1 | Episódio 2 | Episódio 3 | Episódio 4 | Episódio 5 |
|----------------------------|--|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Elementos temáticos | Não há definição de um só tema ⁵⁵ | Festas juninas | Pará | Escola | Cozinha |

Fonte: Dados de pesquisa

Os temas tratados no *Esquenta!* são tópicos que podem ser abordados com facilidade também pelo seu público, nas conversas cotidianas. Nos cinco episódios analisados, foram assuntos das conversações, respectivamente: a família e a religiosidade, as festas juninas, a cultura do estado do Pará, a escola e a cozinha. Todos os temas eram permeados por fortes tentativas de colocar a cultura popular acima do massivo no estilo de vida dos espectadores (MARTÍN-BARBERO, 2003). Segundo o autor, nesse estilo de vida há a separação social entre “eles” – social e culturalmente superiores – e “nós” – inferiores – entrelaçada a uma grande valorização das relações familiares e de grupo, da religiosidade e de “um conformismo baseado na desconfiança em relação às mudanças” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p 119). Aos temas tratados nos episódios, estavam sempre conectadas questões cotidianas, através, do samba, da culinária, de problemas sociais e do humor.

No *Esquenta!* o samba é visto como o elemento cultural mais forte do programa e que une todos os que participam dele. Nos episódio analisado da primeira temporada, todos os convidados, por maiores que sejam as diferenças, se unem devido ao samba. Assim acontece no episódio das três temporadas seguintes. O único episódio onde o samba não faz parte da ambientação musical é o *Esquentão!*, onde o ritmo dá lugar ao forró.

O samba é um gênero musical derivado de uma dança de raízes africanas, nascido no Brasil (no recôncavo baiano) e considerado uma das principais manifestações culturais nacionais. Resultante da união de estruturas musicais europeias e africanas, o samba se consolidou como símbolo da cultura negra brasileira. Apesar de existirem diversas formas de samba no Brasil (mineiro, pernambucano, maranhense, paulista) o ritmo como gênero musical conhecido hoje surgiu da expressão musical urbana do Rio de Janeiro, derivado do samba feito por escravos libertos na então capital do Brasil Imperial. Como símbolo nacional, o

⁵⁵ Não há um tema definido para os episódios desta temporada, porém, no episódio analisado, o samba é o principal tópico abordado.

samba só se consolidou após 1930, quando foi alçado da condição “local” a de símbolo da identidade nacional brasileira. (VIANNA, 2007)

Na primeira temporada do programa o samba era o elemento de maior importância e com maior presença. No episódio analisado, ele é usado como exemplo de agregador: familiar, social e religioso. Segundo Martín-Barbero (2003), nenhum outro país da América Latina consegue unir os costumes e a empatia em um só sentimento, como o Brasil faz com a sua música. O autor afirma que

no Brasil, o caminho que leva à música, da roda de samba – e seu espaço ritual: o terreiro de candomblé – ao rádio e ao disco, passa por uma multiplicidade de avatares que podem ser organizados ao redor de dois momentos: o da incorporação social do gesto produtivo negro e o da legitimação *cultural* do ritmo que aquele gesto continha. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 251)

Nas temporadas seguintes, o samba já não tem mais a força que tinha no início do programa, passando a aparecer como suporte e, às vezes, plano de fundo para outros ritmos populares brasileiros, como o brega paraense, o *rap*, a MPB e, até mesmo o pop e o rock nacionais. Porém, não com a mesma intensidade que aparecia na primeira temporada.

O episódio *Esquentão!* tem as festas juninas como tema. Martín-Barbero (2003) considera festas populares, como as juninas, uma articulação das práticas populares e da indústria cultural. Para o autor, este tipo de festas é “a celebração da identidade regional e diversão programada”, pois nelas a celebração inclui as brincadeiras essencialmente regionais e as “estrelas da canção que representam, de algum modo, o popular” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 326). Segundo o autor, a presença de celebridades nas festas populares é a base para que o mercado seja inserido popular, como em um negócio, onde a presença do célebre pode definir forma de todo o espetáculo, pois todas as classes sociais comparecem à festa, se divertem e se apropriam dela, cada qual de seu modo.

Na segunda temporada, o tema foi Estado do Pará. O popular massivo apareceu neste episódio através dos ritmos musicais e da comida típicas do Estado. Podemos perceber a música paraense como um produto massivo, pois ela une elementos tradicionais paraenses com ritmos caribenhos devido à proximidade do estado com as ilhas da América Central. A comida paraense também pode ser considerada massificada, uma vez que, nos últimos anos, foi fortemente divulgada como sinônimo de algo natural e autêntico. Um dos alimentos paraenses que sofreu maior difusão foi o açaí, que sofreu alterações no modo de consumo ao ser levado para outras regiões brasileiras.

O episódio da terceira temporada teve como tema a escola. O ambiente escolar foi visto neste dia, como uma fonte de boas lembranças. Em todos os relatos os participantes

recordaram da escola com carinho, percebendo a importância deste ambiente para o início das suas vidas em sociedade. Martín-Barbero (2003), afirma que a escola desempenha um papel importante no desenvolvimento da consciência popular das crianças, ao introduzir a elas os instrumentos necessários para a vida, sem cessar a consciência popular. Segundo o autor, a sociabilização gerada pela escola dá origem à substituição da influência cultural dos pais sobre a criança, na transmissão de crenças sem base racional, passando pela mudança nos modos da difusão de conhecimentos, agora racionais. Através da análise, percebemos que neste dia, o programa mostrou pouca aproximação com elementos do popular-massivo. Em comparação aos demais episódios, foram pouquíssimos os elementos identificados e estes, tinham maior relação com o tema do episódio do que com o nosso foco de análise.

A cozinha foi o tema do episódio da quarta temporada. No episódio, o ambiente da cozinha, sua importância na construção simbólica da casa e das relações sociais teve mais relevância do que a gastronomia e a diversidade gastronômica. Segundo Assunção (2008) a é o lugar na casa, onde é feita a maior parte das refeições das famílias e onde se age sem cerimônias. É o local da intimidade na casa, onde o ato de cozinhar está relacionado a um ato de carinho.

No quadro 8, listamos os elementos formais do percebidos nos episódios analisados do programa *Esquenta!*.

QUADRO 8 – Elementos formais do popular massivo no *Esquenta!*.

| | | Episódio 1 | Episódio 2 | Episódio 3 | Episódio 4 | Episódio 5 |
|--------------------------|------------|--------------------------------------|----------------|----------------------------|---|--------------------------------|
| Elementos formais | Cenário | – | Bandeirolas | – | – | Pinguim de geladeira |
| | Figurino | – | Traje caipira | Traje indígena | Beca, uniforme de <i>football</i> , <i>cheerleaders</i> , | – |
| | Convidados | Músicos; humorista; escola de samba. | Músicos e ator | Músicos; atriz, humorista. | Músicos; ator; apresentadora de TV. | Músicos; <i>chef</i> ; atores. |

Fonte: Dados de pesquisa

Elemento muito forte na construção visual do programa, as cores são percebidas no cenário e nos figurinos. Na primeira temporada, o cenário, que ainda era bastante simples, tinha tons de vermelho, amarelo, laranja, cor-de-rosa, que se mantiveram no episódio junino e na segunda temporada. No episódio da terceira temporada, as cores da decoração do cenário e

dos figurinos eram bastante sóbrias e devido a essas cores, foram usados canhões de iluminação com cores “quentes”, para devolver o tradicional colorido ao programa. Já o episódio da Cozinha tinha, além das cores das estampas xadrezes, o metálico das painéis e fôrmas que compunham o cenário.

Os cenários no *Esquentando!* são construídos de forma a expressar bem o que se tem de imaginário popular quanto a temática do episódio – as mesas de bar quando há referência ao samba, as bandeirolas de festas juninas, o mercado Ver-o-Peso de Belém, os telões mimetizando estantes de bibliotecas no episódio sobre a Escola e a overdose de talheres e painéis no episódio da Cozinha. Além desta construção física do cenário, faz parte da ambientação a linguagem, o “palavreado” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 331) utilizado durante o programa, principalmente pela apresentadora Regina Casé, nos diálogos com o elenco, os convidados e a plateia.

O cenário das três primeiras temporadas do *Esquentando!* era simples: circular, com palco e arquibancadas para o público. O elenco e os convidados ficavam em cadeiras ou sofás, no entorno do palco. Eventualmente, havia cenários especiais, como no episódio da terceira temporada, sobre o Pará, onde foram montadas bancas de feira, representando o mercado Ver-o-Peso.

No episódio *Esquentando!*, o cenário foi decorado com bandeirolas típicas das festas juninas. Segundo a tradição, os três santos homenageados (Santo Antônio, São Pedro e São João) tinham suas imagens gravadas em bandeiras coloridas, que enfeitavam as festas. As bandeirinhas coloridas são a atualização da tradição de homenagem aos santos. Segundo Morigi (2002) as imagens atemporais das festas populares são referência a um tempo imaginário, fundado em mitologias. As bandeirolas, assim como os balões e a fogueira, representam para as festas juninas essa mitologia fundada em mitos e credences. “No imaginário social da festa, tempo mítico e histórico entrecruzam-se. As imagens do cenário da festa simulam, em tempo real, o passado, procurando revigorar a tradição.” (MORIGI, 2002, p 260)

Na quarta temporada, o cenário passou a mudar a cada domingo, de acordo com a temática do programa. No episódio sobre a cozinha, havia aparadores atrás dos sofás e sobre eles talheres e “pinguins de geladeira”. O pinguim de geladeira é o elemento popular massivo dentro do cenário deste episódio e um dos símbolos máximos do *kitsch*, termo empregado para designar objetos considerados vulgares, que copiam referências da cultura erudita sem critério e sem atingirem o nível de qualidade de seus modelos, e que se destinam ao consumo de massa. Nos anos 1950, os refrigeradores pareciam grandes armários e, para mostrar que

para os consumidores que aquilo era uma geladeira, a marca norte-americana *Kelvinator* entregou estatuetas de cerâmica em formato de pinguins, para serem colocadas sobre os eletrodomésticos que assim, chamavam a atenção dos clientes que pediam para levar os pinguins de cerâmica para casa após a compra.⁵⁶ Desde então, os modelos de refrigeradores mudaram bastante, mas a tradição de colocar o pinguim sobre o eletrodoméstico permanece. Segundo Almeida, Monteiro e Gonçalves (2013), com o surgimento de novos desenvolvimentos na comunicação, a aculturação das massas trouxe a criação de vários motivos populares, que foram espalhados pelo rádio, pela televisão e pelo cinema. A cultura de massa, calcada na indústria cultural, conseguiu transformar arquétipos em estereótipos, submetendo padrões da moda por meio da repetição desses modelos até serem consumidos massivamente pela sociedade.

O figurino usado por Regina Casé e pelo elenco do programa tem, na medida do possível, relação com a temática do episódio. Na primeira temporada, quando os episódios ainda não eram declaradamente temáticos, os figurinos eram bastante livres com roupas de verão. “Roupas são entendidas como símbolos representativos que servem para construir significados” (CHIANCA, 2006). No *Esquentão!* a apresentadora e o elenco usavam trajes típicos das festas juninas, tema do episódio. O figurino usado no programa, assim como todas as roupas usadas em festas juninas, é um arremedo estereotipado e generalizado das roupas do caipira, feito a partir da visão do homem da cidade sobre o homem interiorano (CHIANCA, 2007).

As festas juninas unem em si valores de um “sincretismo cultural de diferentes procedências e contextos” (MORIGI, 2005, p 3) e, hoje, mistura elementos do passado com elementos atuais. A mistura de elementos é visível nos figurinos usados nas festas, que unem roupas de vaqueiro, de sertanejos ou de boiadeiro e o estilo *country*. Já os figurinos femininos, mais luxuosos, unem traços camponeses a vestidos repletos de babados, fitas e espigas de milho. No episódio, é clara essa mescla de elementos culturais nos trajes usados por Regina Casé e pelo elenco do programa. Observa-se, por exemplo, a figura 6 onde na mesma imagem, estão contidas as referências aos figurinos masculinos e femininos feitas por Morigi (2005).

⁵⁶ BLOG DO CURIOSO. Qual é a origem do pinguim de geladeira? (2011) Disponível em: <<http://www.guiadoscuriosos.com.br/categorias/1240/1/10-tradicoes-de-festas-juninas.html>> Acesso em: 20 jun. 2015

FIGURA 6 – Mescla de elementos culturais nos figurinos do *Esquentão!*



Fonte: Site Memória Globo – *Esquentão!* (2011)

Ao serem reproduzidos constantemente durante o período das festas juninas estes símbolos (os trajes caipiras) foram fortemente massificados, ao ponto de ser exportado para regiões do país onde a figura do caipira é muito diferente da construída pelas reproduções, ou sequer existe. O mesmo acontece, no episódio sobre o Pará, na segunda temporada, em que o elenco vestia trajes indígenas. Neste caso, também há uma generalização, e ainda uma glamourização, do traje indígena, que no programa, simbolizava o povo paraense. Vemos isso na figura 7.

FIGURA 7 – Imagem estereotipada do indígena paraense no *Esquentão!*



Fonte: Dados de pesquisa

O figurino do episódio sobre a escola, da terceira temporada, fazia forte referência ao tema proposto. Neste dia, foram vistos uniformes escolares, de animadoras de torcida (*cheeleaders*) e de normalistas. Percebemos nos três figurinos usados neste episódio aspectos culturais que expõem as marcas de geração, e erotização da mulher ao sensualizar meninas em idade escolar. (RIBEIRO, 2013). Assim como no Brasil ser “normalista” foi sinônimo de “moça virtuosa, bela, encantadora e boa para casar” (RIBEIRO, 2010, p 2), ser *cheerleader*,

apesar das controvérsias e questionamentos sobre a atividade, ainda é considerado sinônimo de prestígio, liderança, beleza, saúde e popularidade (ADAMS; BETTIS, 2003) para as jovens dos Estados Unidos, onde surgiu o termo. Estes conceitos foram massificados, no Brasil, através da literatura⁵⁷, da televisão e do cinema, que reproduzem até hoje o estereótipo da estudante de saia plissada.

Em uma análise geral do grupo de convidados, podemos perceber que este é formado por pessoas de diferentes posições sociais que, ladeadas pelo elenco de “pessoas simples” e intelectuais une, no mesmo, sofá o erudito e o popular e dá a possibilidade de posicionamentos sob diversas percepções para todos os assuntos tratados. A essas diferenças socioculturais entre os convidados, podemos relacionar a proposta de hegemonia de Gramsci (MARTÍN-BARBERO, 2003) onde é permitido

pensar o processo de dominação social já não como uma imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo onde uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus nas classes subalternas. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 116)

Em todos os episódios, além do elenco fixo do programa, há uma série de convidados que, de alguma forma, estão ligados aos temas tratados. No episódio da primeira temporada, Arlindo Cruz deixou de fazer parte do elenco fixo e agiu como um convidado. Os demais convidados tinham, relação com ele: eram seus familiares, amigos, moradores do mesmo bairro onde ele nasceu ou membros a escola de samba “do coração” dele. Já no episódio *Esquentão!* a relação dos convidados era com o tema: as festas juninas. Eram músicos de ritmos típicos juninos – o forró e o sertanejo – e ator – que à época interpretava um cangaceiro na novela.

No episódio analisado da segunda temporada, os convidados eram paraenses ou tinham ligação com o Estado. A banda Calypso, Gaby Amarantos, Dona Onete, Dira Paes e André Lima são os representantes do Pará. Os convidados do episódio da terceira temporada estavam no palco devido a sua relação de vida com a escola e a educação, temas do episódio. Arnaldo Antunes e a banda Fresno começaram suas carreiras musicais em atividades extraclasse das suas escolas, Fátima Bernardes foi professora de *ballet* antes de ser apresentadora de televisão e o ator Malvino Salvador, afirmou só ter se dedicado a carreira artística após terminar o Ensino Superior. Já no episódio analisado da quarta temporada, apenas o *chef* Claude Troisgros tinha relação com o tema. Exceção em todos os episódios, os convidados humoristas não costumavam ter relações com as temáticas propostas. Seus esquetes eram adaptados ao tema do dia, não o contrário.

⁵⁷ CAMINHA, Adolfo. A normalista. 1893

No quadro 9, estão elencados os elementos de conteúdo percebidos após a análise dos cinco episódios do programa *Esquenta!*.

QUADRO 9 - Elementos de conteúdo do popular massivo no *Esquenta!*

| | | Episódio 1 | Episódio 2 | Episódio 3 | Episódio 4 | Episódio 5 |
|-----------------------|----------|--|-------------------------|----------------------|------------|-----------------------------|
| Elementos de conteúdo | Assuntos | Samba | Culinária típica | Culinária típica | - | Culinária |
| | Músicas | Samba, gospel, enredo de carnaval, pagode e <i>rap</i> . | Música sertaneja; forró | Samba e música brega | Samba | Samba, pagode, <i>rap</i> . |

Fonte: Dados de pesquisa

O samba, além de aparecer como temática do episódio analisado na primeira temporada, foi um elemento muito forte entre os conteúdos tratados nesse episódio do *Esquenta!*, que foi em homenagem ao sambista Arlindo Cruz. Em torno do homenageado, foram tratados assuntos tais como as relações familiares, a religiosidade e os problemas sociais em Madureira, bairro do subúrbio carioca onde o sambista nasceu.

Outro elemento muito forte nos episódios analisados do *Esquenta!* é a relação popular com a culinária. A cozinha e a comida aparecem nos episódios na forma de culinária típica regional, como local agregador e como problema social. No episódio da primeira temporada, o tema foi abordado através do homenageado, que à época passava por uma reeducação alimentar. No episódio *Esquentão!* a referência à culinária apareceu pelo forró *Ovo de Codorna*, de Luiz Gonzaga e na figura do “pamonhólogo” Genivaldo. São referências sutis que renderam conversas entre a apresentadora e os convidados.

A culinária é um elemento bastante importante no episódio da segunda temporada, em homenagem ao Pará. Neste, há referências à culinária paraense desde as primeiras palavras de Regina Casé ao entrar no palco do programa: “Hoje aqui é tacaca no tucupi[...], açaí.” Sobre o açaí, foi falado sobre a diferença no consumo do alimento nas regiões do país. Podemos dizer que o açaí é um produto cultural paraense que foi massificado. Alguns dos hábitos alimentares paraenses foram mostrados no programa através de Gaby Amarantos (que trouxe para o palco uma caixa de isopor com produtos típicos do estado), na cozinha montada no palco para que Chimbinha preparasse um prato típico e na reprodução do Ver-o-Peso, mercado público de Belém.

Regionalmente, “há alimentos que funcionam como demarcadores identitários [...], pratos que estão associados à sua região de origem.” (BRAGA, 2004, p. 39) Percebemos que

é desta forma, como demarcador identitário regional, que a culinária paraense é colocada no episódio. De acordo Braga (2004), os hábitos alimentares de um grupo fazem parte de um sistema cultural repleto de símbolos, significados e classificações, “de modo que nenhum alimento está livre das associações culturais que a sociedade lhes atribui”. (BRAGA, 2004, p. 37)

O episódio analisado na quarta temporada é inteiramente dedicado à culinária e cozinha. Nele, há a presença de um *chef* e o elenco fixo prepara pratos em uma cozinha montada no cenário. Todos os assuntos giram em torno da cozinha, indo da diversidade culinária ao problema social da fome. Da Matta (1986), afirma que forma de manifestação mais importante do Brasil é a comida. Para o autor o “alimento é algo universal [...] que diz respeito a todos os seres humanos [...]”. (DAMATTA, 1986, p. 38) Segundo Maciel (2004), a cozinha de um povo é o resultado de um longo processo histórico que une elementos referenciados na tradição, visando a criação de algo único. Porém, esta construção não é imutável, uma vez que as cozinhas, estão sujeitas as constantes recriações. Cabe a ressalva feita pela autora: “uma cozinha não pode ser reduzida a um inventário, a um repertório de ingredientes, nem convertida em fórmulas ou combinações de elementos cristalizados no tempo e no espaço”. (MACIEL, 2004, p. 27) Verificamos as recriações faladas por Maciel (2004) nos pratos servidos ao público pelo *chef*.

Os convidados musicais e as músicas tocadas/cantadas na trilha sonora do programa se relacionam, na medida do possível, com o tema do episódio ou com algum ponto específico dos assuntos que serão tratados. Sempre levando em consideração a popularidade do convidado e da música no momento da exibição do episódio.

A música é um dos principais elementos do *Esquentar!*, pois é através das canções e dos convidados que as conversações relacionadas ao tema dos episódios acontecem. A partir da análise dos episódios, percebemos que o samba, seus derivados (pagode, samba enredo) e o *rap*, são os ritmos os mais repetidos na trilha sonora do programa. À exceção do episódio *Esquentão!*, onde deu lugar ao forró, o samba esteve presente em todos os episódios analisados. Além do samba, também fizeram parte da trilha do programa o brega (e variações do ritmo), no episódio sobre o Pará, na segunda temporada; a MPB, o pop e o rock brasileiros no episódio da terceira temporada, que tinha como tema a escola; e o *reggae* e o *axé* no episódio temático sobre a cozinha, na quarta temporada.

O popular massivo aparece, no *Esquentão!* pela música, com o forró moderno e com o sertanejo universitário, ritmo que surgiu nos anos 2000 da mistura do sertanejo romântico (dos anos 1980-90) com *funk* carioca e o *arrocha*. O novo forró é representado pela banda

Aviões do Forró, que faz o forró eletrônico, gênero musical fortemente influenciado pelo axé *music* baiano. Já o sertanejo universitário, aparece na figura do cantor Luan Santana. Ambos cantam músicas de seus repertórios, e a banda Aviões do Forró, ainda canta uma versão “eletrônica” de um forró de Luiz Gonzaga.

Além dos elementos temáticos, formais e de conteúdo, alguns outros mereceram nossa atenção no decorrer da análise. São eles o humor no programa e as referências feitas às telenovelas.

Ao analisar o humor no *Esquenta!* percebemos que, assim como o que é visto por Martín-Barbero (2003) nos programas cômicos da televisão peruana, a comicidade aparece através de um mosaico racial, onde a condição prévia para fazê-lo é “ser caboclo, negro ou cafuzo” e proveniente de setores populares. Dos cinco episódios analisados, em apenas um os responsáveis pelo humor não seguem estas condições e, no entanto, fazem as mesmas chacotas feitas por outros humoristas. Ainda que pregue a quebra do modelo estético hegemônico de televisão (branco, culto), neste aspecto, o *Esquenta!* continua carregando o estereótipo do humor a partir do povo feio que a burguesia branca tenta a qualquer custo esconder. (MARTÍN-BARBERO, 2003) Para o autor, é “só aí que a televisão se trai, ao mostrar sem pudor as faces do povo” que através do “realismo grotesco do cômico” dá voz aos “de baixo”, dando a eles uma face e armas para mostrar sua capacidade de arremedo de si, das classes altas e também da nova “classe média, que está com a grana”, mas ainda não sabe lidar direito com isso. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 331)

As novelas também são assuntos recorrentes no *Esquenta!*. Normalmente, são abordadas pela presença de um convidado, ator ou atriz, que está no ar em alguma telenovela e guiando a conversa a fim de relacionar a personagem da novela ao tema do episódio. Segundo Martín-Barbero (2003), há uma cumplicidade entre o povo e o melodrama, pois nele é permitido ao espectador encenar suas emoções. O autor afirma que

a cumplicidade com o novo público popular e o tipo de demarcação cultural que ela traça são as chaves que nos permitem situar o melodrama no vértice mesmo do processo que leva o popular ao massivo: lugar de chegada de uma memória narrativa e gestual e de lugar de emergência de uma cena de massa, isto é, onde o popular começa a ser objeto de um apagamento das fronteiras, deslanchando a constituição de um discurso homogêneo e uma imagem unificada do popular, primeira figura da massa. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 171)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo com este trabalho de pesquisa foi identificar que elementos da cultura popular massiva são apresentados no programa *Esquenta!*, da TV Globo. Para isso, foram analisados cinco episódios do programa, um de cada temporada – 2011 a 2014 – e o primeiro especial junino *Esquentão!*, exibido em 26 de junho de 2011. Os episódios foram escolhidos, de forma aleatória, mas com o cuidado de selecionar aqueles com assuntos relevantes para a análise da cultura popular massiva. Esta análise foi feita a partir de elementos temáticos, formais e de conteúdo percebidos nos episódios.

Para identificar estes elementos da cultura popular massiva no programa, foram definidos três objetivos específicos: 1) discutir a cultura popular e o popular massivo no âmbito dos estudos culturais; 2) caracterizar o programa como um produto popular massivo; e 3) mapear como os elementos da cultura popular massiva estão presentes nos episódios do *Esquenta!*.

Os estudos culturais buscam compreender a relação de comunicação e cultura na sociedade contemporânea, prestando atenção às formas de expressão culturais não tradicionais, legitimando a cultura popular de forma crítica e interventora. A cultura popular é uma prática dos grupos subalternos da sociedade, que deve ser compreendida dentro do momento atual da sociedade, com todas as suas modificações.

Segundo Martín-Barbero (2003), o receptor não é indiferente à mídia massiva, pois absorve as informações e as reconstrói a partir de sua identidade e suas percepções. Para o autor, o massivo foi gerado a partir do popular em um processo lento e a massificação dos produtos culturais, surgiu da necessidade de atender às demandas do povo em se ver representados naquilo que consumia.

O *Esquenta!*, surgiu com o objetivo de ser um programa diferente dos demais exibidos na televisão do Brasil, ao trazer para o seu palco as tradições da cultura popular brasileira e mesclá-las com produtos massivos. O programa representa a abertura das emissoras de televisão comerciais às novas demandas das classes populares por unir em si, as tradições da cultura popular e as novas manifestações culturais brasileiras. A partir da análise, podemos considerar o programa *Esquenta!* como fortemente marcado por elementos da cultura popular-massiva. Identificamos o popular-massivo no programa a partir da análise dos elementos temáticos, formais e de conteúdo.

Apesar de o programa não ter tido temas definidos para os episódios desde o início, as temáticas convergiam para assuntos que facilmente poderiam ser tratados pelo público, como

família, festas populares, escola e culinária. Um dos assuntos mais constantes no programa é o samba, que mesmo não tendo sido tema de nenhum episódio, teve forte presença em grande parte deles.

Na análise dos elementos formais, percebemos bastante referências a elementos do popular-massivo nos cenários, nos figurinos usados pela apresentadora e pelo elenco, e na presença dos convidados. Os cenários passaram por muitas mudanças estruturais desde o início do programa e os elementos massivos acompanharam estas alterações. As bandeirolas das festas juninas e os pinguins de geladeira usados na decoração do cenário do episódio sobre a cozinha são bons exemplos do popular, que se tornou massivo graças aos meios de massa. Já não tem o mesmo significado original, mas se mantém firmes no imaginário do povo. Os figurinos também mostraram fortes laços com o popular-massivo. Laços tão fortes, que acabam, de certa forma, estereotipando na tentativa de demonstrar a representatividade daqueles trajés. Já na análise do grupo de convidados, percebemos que este é formado por pessoas das mais distintas posições sociais, mas que ao serem colocadas no mesmo sofá unem o *high* e o *low* na discussão dos mais diversos temas e sob diversas perspectivas.

A análise dos elementos de conteúdo mostrou que os assuntos tratados nos episódios também são bastante relacionados ao popular-massivo. Das conversas às músicas tocadas na trilha sonora no programa é possível perceber o tradicional e o moderno andando lado a lado pelo palco. No *Esquenta!* não há preconceitos (Xô, preconceito!, eles dizem), pois lá há espaço para tudo e para todos.

A partir disso, consideramos que os objetivos deste trabalho foram atingidos. Martín-Barbero (2003) afirma que nos últimos anos começou a se formar um projeto relacionado à redescoberta do popular. Concordamos com o autor, pois acabamos de analisar horas de perseverantes tentativas neste sentido.

Fica a certeza que o *Esquenta!* é um produto da cultura popular massiva. E que o que se viu nesse trabalho é apenas a análise de uma parte bem pequena da grande mescla de tipos, traços, jeitos e gostos que passa pelo palco do programa todos os domingos. Esperamos que um dia, trabalhos de redescoberta e valorização do popular não sejam mais necessários e que esse valor ao que é do nosso povo cresça naturalmente. Enquanto isso há muitas outras perspectivas para analisar a miscelânea que é o *Esquenta!*. Analisar a presença das periferias no palco do programa, a tentativa de homogeneização da sociedade e das percepções do público quanto ao *Esquenta!* nas diferentes camadas sociais são apenas sugestões de caminhos a serem seguidos para que possamos compreender melhor o que se passa naquele estúdio do Projac.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Natalie G; BETTIS, Pamela. **Cheerleader!: an American icon**. 1 ed. Nova Iorque: Palgrave/St. Martins, 2003.

ALMEIDA, Marília; MONTEIRO, Taís; GONÇALVEZ, Osmar. **O kitsch e a cultura de massa**. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2013. Mossoró, RN. Anais. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-1157-1.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2015.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 13. ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. **Comida de mãe: notas sobre alimentação e relações familiares** IN: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, junho, 2008. Porto Seguro, BA. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2027/viviane%20kraieski%20de%20assun%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 20 jun. 2015.

AYALA, Marcos; AYALA Maria I. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, Sullivan Charles. **Os Saberes Subalternos e Os Direitos Humanos: Por Uma Teoria Crítica Dos Direitos Humanos**. Revista Argumentos, Montes Claros, v. 8, n. 1, p.78-89, jan. 2014. Disponível em: <[http://www.cienciassociais.unimontes.br/arquivos/ed_08/Sullivan Charles Barros.pdf](http://www.cienciassociais.unimontes.br/arquivos/ed_08/Sullivan%20Charles%20Barros.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2015.

BRAGA, Vivian. **Cultura Alimentar: contribuições da antropologia da alimentação**. SAÚDE REV., Piracicaba, SP v. 6, n. 13, p. 37-44, 2004. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/saude13art05.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2015.

CAMPELO, Lilian Cristina H. **Dona Onete e o imaginário folk-Amazônico**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2011. Recife, PE. Anais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2842-1.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2015.

CASÉ, Regina. Depoimento. TEDx São Paulo. Palestra: **Periferia. Como a produção cultural dos guetos está marcando época**. TEDx. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lavC_gEdCfM>. Acesso em: 28 out. 2014.

CHAVES, Sarah Nery Siqueira. **Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV**. 2007. 118p. (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=59495> Acesso em: 18 ago. 2014.

CHIANCA, Luciana de O. **Imagens rurais e identidades cidadinas na festa junina** In: OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana. Ano 4, vol.4, n.6, 2006. Disponível em: <<http://www.osurbanitas.org/osurbanitas6/Chianca.html>> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa.** In: SOCIEDADE E CULTURA, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 45-59. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1722/2130>> Acesso em: 20 jun. 2015.

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Jornal da Embratel. Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf> Acesso em: 18 nov. 2014.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco; 1986.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Os Estudos Culturais.** 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2015.

_____. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p.87-97, dez. 1998. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; JACKS, Nilda. **Comunicação & Recepção.** São Paulo: Hacker, 2005.

GUSHIKEN, Yuji; DA SILVA, Lawrenberg A; DE MAGALHÃES, Adoniram J. A. **Rumores e sabores de uma feira: Culinária popular e cosmopolitismo banal em Cuiabá.** Campinas, n. 19, v.1 p.56-72. 2013. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/19-1/4-19-1.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2015.

LEMOS, Ronaldo; CASTRO, Oona. **Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

MACIEL, Maria Eunice. **Uma cozinha à brasileira.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.33, jan. - jun. 2004, p. 25-39. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2217>> Acesso em: 19 jun. 2015.

MAIA, Mauro C. F. **Mídia e Música na Amazônia Paraense: Aspectos históricos e culturais.** IN: DT/IJ – Comunicação Audiovisual – X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. 2011. Boa Vista, RR. Anais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0220-1.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MORIGI, Valdir. **Festa junina: hibridismo cultural.** Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v.18, n.2, p.251-265, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1302/1022>> Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. **MÍDIA, Identidade Cultural Nordestina: festa junina como expressão.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-13, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4192/4902>> Acesso em 17 jun. 2015.

OLIVEIRA, Ohana B. **Esquenta! - Mediação Cultural: tudo junto e misturado.** 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

_____. **“Tudo junto e misturado”: Práticas discursivas do programa Esquenta!.** ESPM, São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_nove/GT09_OHANA_OLIVEIRA.pdf> Acesso em: 01 nov. 2014.

_____. **Regina Casé: Broker brasileira.** V CONECO Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.coneco.uff.br/ocs/index.php/1/conecoic/paper/viewFile/344/166>> Acesso em: 30 out. 2014.

PONTE, João Pedro. **Estudos de caso em educação matemática.** Bolema: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, SP, p. 1-23. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/viewFile/1880/1657>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

ORTIZ, Renato. **Estudos Culturais.** Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, p.119-127, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12419/14196>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

RIBEIRO, Joyce O. S. **Práticas curriculares de tradução do uniforme de normalista: corpo feminino e erotização.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Anais. Florianópolis, 2013 Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385562585_ARQUIVO_JoyceOtaniaSeixasRibeiro.pdf> Acesso em: 20 jun. 2015.

STROZENBERG, Ilana. **Biblioteca Virtual de Estudos Culturais: uma experiência de política acadêmica de comunicação eletrônica.** ECO-PÓS, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 129-133, ago/dez. 2004. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1125/1066>. Acesso em: 11 jun. 2015.

VIANNA, Hermano. **Bateria arrebenta.** Site Jornal O Globo. 10 de abril 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/bateria-arrebenta-12159051>> Acesso em: 01 nov. 2014.

_____. **O mistério do Samba.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** Porto Alegre: Editora Bookman - Artemed. 2ed. 2001.